

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Quirino Salvador Sanca

**HÁBITO DE LEITURA DE ESTUDANTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

2016

Quirino Salvador Sanca

**HÁBITO DE LEITURA DE ESTUDANTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.^a Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura.

Coorientador: Dr. Geraldo Ribas Machado

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Opperman
Vice-Reitor: Prof.^a Dr.^a Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rockembach
Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Souza
Vice-Coordenador: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S194h Sanca, Quirino Salvador
 Hábito de leitura de estudantes do curso de Biblioteconomia da
 Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Quirino Salvador Sanca ;
 orientadora Ana Maria Mielniczuk de Moura ; coorientador Dr. Geraldo
 Ribas Machado – Porto Alegre, 2016.
 78 f. ; 30 cm.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
 Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e
 Comunicação. Curso de Biblioteconomia.

 1. Leitura. 2. Biblioteconomia. 3. Faculdade de Biblioteconomia e
 Comunicação. 4. UFRGS. I. Moura, Ana Maria Mielniczuk de. II.
 Machado, Geraldo Ribas. III. Título.

Catalogação na Publicação: Quirino Salvador Sanca

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação — FABICO
Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2075 — Bairro Santana
Porto Alegre — RS
CEP: 90035-007
Telefone: (51) 3308-5067
Fax: (51) 3308-5435
E-mail: dci@ufrgs.br

Quirino Salvador Sanca

**HÁBITO DE LEITURA DE ESTUDANTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título Bacharel em
Biblioteconomia pelo Departamento de
Ciências da Informação da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em: _____ em _____ 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Orientadora)

Prof.^o Dr. Geraldo Ribas Machado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Coorientador)

Prof.^a Dr.^a Sonia Elisa Caregnato
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Examinadora)

Me. Natascha Helena Franz Hoppen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Examinadora)

Dedico esta pesquisa primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, ao meu tio Paulo Sanca, ao meu pai, à minha mãe, aos meus irmãos, especialmente à Valdemira Emília Sanca, e à minha princesinha, minha filha querida, Emilly Gloria Sanca e Sanca. Dedico-a também ao curso de Biblioteconomia da UFRGS e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer àqueles que sempre me apoiaram de uma maneira construtiva e leal como aluno do curso de Biblioteconomia e que muito fizeram pela minha trajetória acadêmica.

Muito obrigado a todos. Após tantos obstáculos enfrentados ao longo desta caminhada, com força de vontade, perseverança e, acima de tudo, muito comprometimento, finalmente consegui chegar aqui.

No entanto, nada teria sido conquistado se não fosse pela presença de alguns envolvidos que me apoiaram durante esta minha trajetória.

Assim, deixo meus agradecimentos: a Deus, por ter me dado saúde, força e coragem nos momentos mais difíceis; aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional; a todos os professores que me acompanharam durante toda a minha vida acadêmica, em especial à minha professora orientadora Ana Maria Mielniczuk de Moura e ao meu querido professor coorientador Geraldo Ribas Machado, pela paciência na orientação e no incentivo, que tornaram possível a conclusão desta monografia; aos meus Sobrinhos/Sobrinhas, irmãos/irmãs, tios/tias, primos/primas, amigos/amigas e a toda a minha família, que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida; à Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFGRS, ao seu corpo docente, à direção e à administração, que oportunizaram a janela pela qual hoje vislumbro um horizonte superior, contaminado pela purificada confiança no valor e na ética aqui presente; ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e ao seu magnífico criador, que me permitiu realizar o meu sonho; e, sem esquecer de mencionar, ao Brasil, o país que me acolheu durante todo esse tempo; à Valdemira Emilia Sanca pela compreensão, carinho, e aos professores formadores da banca examinadora pela presença e pelo apoio; aos meus padrinhos, padre Lauro, Andréa dos Santos Benites, Natascha Hoppen, Ana Paula Maguns, Denise Mane, Ilda Sanca e Arrais Gomes. Meus sinceros agradecimentos aos meus conterrâneos e a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível.

RESUMO

Reflete a importância do hábito de leitura dos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFRGS do primeiro semestre de 2015. Na revisão bibliográfica são abordados assuntos relacionados a práticas sobre hábito de leitura. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa. Para a coleta dos dados utilizou-se um questionário com questões fechadas, abertas e de múltipla escolha, que foi aplicado com ajuda do COMGRAD/BIB. Apresenta os resultados através de gráficos e análises a partir do que foi alcançado nos questionários. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer os hábitos de leitura de estudantes do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, buscando traçar um perfil das suas preferências de leitura e verificar a frequência dos formatos de documentos que os estudantes utilizam, bem como a quantidade de tempo dedicada a essa prática. O estudo concluiu de que para desenvolver o hábito de leitura e a prática da leitura e da escrita é importante atribuir valor ao conceito de leitura, na medida em que isso não pode ser considerado apenas mecânico, porque dá fluência e permite boa expressão. Esse é um dos aspectos necessários, mas não é tão suficiente, uma vez que se entende a leitura também como uma técnica interacional entre o leitor e o autor.

Palavras-Chave: Hábito de Leitura. Estudantes. Graduação. Biblioteconomia.

ABSTRACT

It reflects the importance of reading habits of students in the first half of 2015's Librarianship program of UFRGS. In the literature review (matters related to) reading habits are discussed. This is a descriptive quantitative approach. For the data collection a questionnaire with closed, open and multiple-choice questions was applied with the help of COMGRAD/BIB. It presents the results using graphs and analyses from what was achieved in the questionnaires. This research aimed to learn about the reading habits of students of Library Science from the School of Library Science and Communication of UFRGS, intending to draw a profile of their reading preferences and check the frequency of document formats that students use and the amount of time devoted to this practice. The study concluded that to develop the habit of reading and the practice of reading and writing, it is important to attribute value to the concept of reading, insofar as this can not be considered merely mechanical, because it gives fluency and allows good expression. This is one of the necessary aspects, but it is not enough, since reading is also understood as an interactional technique between the reader and the author.

Keywords: Reading Habit. Students. Graduation. Librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Marcos Históricos da Biblioteconomia no Brasil	43
Quadro 2 – Cursos de Biblioteconomia no Brasil	44
Gráfico 1 – Semestre de Ingresso dos Alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS.....	51
Gráfico 2 – Idade (anos) segundo Sexo dos Alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS.....	52
Gráfico 3 – O quanto os Alunos do Curso de Biblioteconomia Gostam de Ler, segundo a renda familiar (em salários-mínimos).....	53
Gráfico 4 – Quantidade de Livros e Revistas que os Alunos do Curso de Biblioteconomia Compraram nos Últimos Cinco Meses.....	54
Gráfico 5 – Preferências dos Alunos de Biblioteconomia em relação a Gêneros Literários (em notas de 0 a 10).....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Formas de Aquisição de Materiais de Leitura dos Alunos de Biblioteconomia	57
Tabela 2 – Fatores de Motivação à Leitura dos Alunos de Biblioteconomia	57
Tabela 3 – Tipo de Biblioteca Frequentada pelos Alunos do Curso de Biblioteconomia	58
Tabela 4 – Tipo de Leitura em Meio Digital dos Alunos do Curso de Biblioteconomia	58
Tabela 5 – Local onde os Alunos do curso de Biblioteconomia costumam Comprar Livros.....	59
Tabela 6 – Local onde os Alunos do Curso de Biblioteconomia costumam Ler	59
Tabela 7 – Motivos pelos quais os Alunos do Curso de Biblioteconomia escolhem onde Comprar Materiais de Leitura	590
Tabela 8 – Fatores que Influenciam a Escolha pelo Material de Leitura.....	590
Tabela 9 – O que a Leitura Significa para os Alunos do Curso de Biblioteconomia	601
Tabela 10 – Dificuldades que os Alunos do Curso Encontram para Ler	601

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PTE – Plano de Trabalho na Escola

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFT – Universidade Federal do Tocantins

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UPA – Universidade Porto Alegre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema	14
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo Geral	17
1.3.2 Objetivo Específicos	17
1.4 Contexto do Estudo: Curso de Biblioteconomia da UFRGS	17
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.1 Hábito de Leitura	19
2.2 Leitura e Cidadania	24
2.3 A Leitura como Prática Pedagógica	28
2.4 Hábito de Leitura de Alunos de Biblioteconomia	30
2.5 História da Leitura no Brasil	34
2.6 O Papel da Leitura na Atualidade	36
2.7 Histórico da Biblioteconomia no Brasil: Primeiros Cursos	39
2.7.1 <i>Rio de Janeiro: o início</i>	39
2.7.2 <i>São Paulo: novas perspectivas</i>	42
3 METODOLOGIA	48
3.1 Classificação da Pesquisa	48
3.2 Sujeitos de Estudo	48
3.3 Instrumento de Pesquisa para Coleta de Dados	49
3.4 Procedimento de Coleta de Dados	49
3.5 Tratamento de Dados	50
3.6 Limitações de Estudo	50
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO	67

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, o hábito de leitura entre os jovens está disputando espaço com outras formas de entretenimento, tais como a televisão, os jogos eletrônicos e a internet. Entretanto, é indiscutível o papel da leitura na formação de pessoas de todas as idades, incluindo as camadas jovens que frequentam as instituições de ensino superior, pois “[...]” o livro deve levar a uma leitura e interpretação da vida ajudando o indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo. ” (FREIRE, 2003, p. 11). O hábito de leitura acrescenta uma melhoria significativa ao desenvolvimento cognitivo, social e intelectual do ser humano. Fatores sociais podem colaborar e influenciar o hábito da leitura, como a família e a escola, que na maioria das vezes não servem de referencial, enquanto leitores ativos e possíveis exemplos, pois grande parte dos professores e pais também não têm o hábito de ler.

Segundo Bamberger (2010, p. 70):

O desenvolvimento de um hábito de leitura requer a participação de um grande número de atores sociais, pois eles são mais bem incorporados se têm como base modelos de comportamento tirados do meio, “ideais” apresentados pelos pais, professores e, sobretudo, pelo grupo que o jovem frequenta.

Ao abordar o assunto dos hábitos de leitura, faz-se necessário ressaltar a relação entre a cultura escrita e o seu uso social dentro e fora da escola, pois a leitura e a escrita devem sempre ser ensinadas e exploradas pelo viés de seu uso social, possibilitando assim ao aluno uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento real da prática de leitura, como afirma Kleiman (2004, p. 33, 35):

As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno, e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante. Essa diferença afeta a relação com a língua escrita e é uma das razões pelas quais a língua escrita é uma das barreiras mais difíceis de serem transpostas por pessoas que vêm de comunidades em que a escrita é pouco ou nada utilizada [...] Além disso, se uma criança participa de eventos de letramento no lar — por exemplo, escuta as histórias que um irmão mais velho, pai ou avô lê para diverti-la e distraí-la —, essa criança já associa o livro ao lazer, àquilo que lhe é prazeroso e aconchegante. Mas isso não é universal.

No âmbito de desenvolver o hábito da leitura nos educandos, os costumes e as funções da escrita devem ser trabalhados para aumentar a discussão e a posição crítica do aluno com relação ao meio social em que ele está inserido. A leitura é uma prática pedagógica presente no dia a dia dos estudantes, contudo, há uma discussão que parte do senso comum de que devido aos avanços das novas tecnologias de comunicação e informação, os jovens cada vez têm lido menos. Conhecer as práticas de leitura de diferentes grupos sociais é muito importante para que haja planejamento e promoção da leitura, possibilitando criação de serviços e produtos direcionados a esses diferentes públicos. A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar nos diferentes graus do ensino. Constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento (FREIRE, 2006). Na sequência da criação e recriação de conhecimento, a leitura passa a ocupar posição de relevância, principalmente na vida dos alunos. Assim, para haver uma formação de leitor, deve-se iniciar considerando as condições sociais e escolares dos futuros novos leitores.

Sabemos que um dos requisitos principais da prática pedagógica é estimular o hábito da leitura para os indivíduos. Então, essa atividade apresenta grandes dificuldades e problemas aos nossos educadores, ou seja, por que muitas crianças ou jovens não conseguem obter e desenvolver o hábito da leitura? É muito importante conhecer as práticas pedagógicas e os modelos didáticos apresentados pelos educadores. Dessa forma, é mais fácil entender que a aprendizagem é um procedimento coletivo que envolve, com muita frequência, tanto as ações do educando quanto as do educador. O ato de aprender não está relacionado apenas à grandeza individual dos sujeitos que estão envolvidos, porque este se estende além das técnicas cognitivas, das relações constituídas entre docentes e alunos e do vínculo criado em torno do ensino e da aprendizagem. Assim, pode-se ressaltar que,

A partir desse princípio geral, compreende-se a prática pedagógica como ação de um sujeito consciente e ativo, ou seja, práticas singulares que organizam contextos educacionais que, por sua vez, passam a constituir situações sociais de desenvolvimento, com a possibilidade de serem, assim, vivenciadas como processos de aprendizagem (COELHO, 2012, p. 112).

A leitura é, dessa forma, considerada um desafio de todos: primeiramente tem que passar pela família, pela escola, pela biblioteca, pela comunidade em geral, e não pode ser considerada um presente do Governo, mesmo que seja um direito de todos os cidadãos (BRASIL, 1998). A leitura é um ato que proporciona o entendimento do mundo, faz os indivíduos se comunicarem com os outros, traz formação pessoal e profissional, traz junção de ideias, ampliando assim nossos conhecimentos. É na escola que a criança tem mais contato com a leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita (KLEIMAN, 2004). É função primordial da escola preparar e ensinar os alunos a ler, ampliar os níveis educacionais e da leitura. Introduzir a leitura como prazer em casa, na escola e nas bibliotecas é tarefa de todos que estão envolvidos na educação, pois garante a participação da sociedade letrada com hábito de ler, uma proposta renovadora e inovadora. É através do ato de ler que as pessoas se comunicam com o mundo, vivem situações e estimulam emoções.

Por isso, este estudo foi escrito por meio de pesquisa bibliográfica, bem como de campo, abordando a temática do hábito de leitura dos estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos dias atuais e a importância da leitura nesse contexto. A leitura deve ser considerada um instrumento com grande finalidade para os indivíduos na sociedade, onde a partir da prática da leitura, o próprio indivíduo passa a ter liberdade, podendo ser capaz de criar seu próprio fato social. As experiências vividas pelo leitor quando o mesmo ainda não lia efetivamente a palavra são recriadas, revividas, ressignificadas no momento da leitura da palavra. De acordo com Freire (2006, p. 20):

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A leitura traz novos olhares ao indivíduo para entrar no mundo, a vivenciar as situações e dar sentido a elas. Através do conhecimento da existência das palavras

e da interpretação das mesmas, dando a sua significação, o ser humano passa a ampliar seus horizontes, que até então eram limitados. Antigamente, a aprendizagem da leitura por parte de algumas pessoas era uma necessidade especial atribuída apenas aos indivíduos principalmente homens, com fins de leitura própria dos documentos destinados à classe dominante. Assim, os responsáveis pela leitura e escrita eram os escribas reais que pertenciam ao grupo de técnicos (escravos, presos ou clérigos) que vivia sob controle do poder soberano para exercer suas funções (BARTHES; COMPAGON, 1987). A palavra escrita e, conseqüentemente, as suas leituras podem ser compreendidas como um sinal importante para o desenvolvimento da capacidade intelectual dos indivíduos. Causa surpresa a falta de motivação dos alunos no alcance de qualquer tipo de conhecimento, que precise de um pouco de esforço intelectual. Para se alcançar um resultado bom em qualquer lugar é preciso do conhecimento e de informação adquiridos através da leitura.

A ausência da leitura no meio acadêmico pode trazer a não escrita e, obviamente, a impossibilidade de lidar com os fatores que estabelecem o sentido de um documento. Para muitas pessoas, o hábito de leitura está mais ligado às atividades da escola; por isso, quando é concluído o período de formação ou escolarização por um indivíduo, este não pratica mais a atividade relacionada à leitura, porque a vida então passa a ter outra dimensão, diferente da de antes. Sabemos que a leitura é uma prática de construção de conhecimentos. Leitura é construir, desenvolver novos saberes, uma experiência de significação que é a junção de todas as histórias da leitura, construída individualmente ou em grupos.

1.1 Problema

Quais são os hábitos de leitura dos estudantes universitários do curso de Biblioteconomia da FABICO/UFRGS de 1ª a 8 semestre?

1.2 Justificativa

Esta pesquisa foi realizada para conhecer os hábitos de leitura dos estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul (UFRGS), e seus resultados poderão orientar estratégias de incentivo à leitura entre os universitários.

Na verdade, o hábito de leitura está intimamente ligado com o grupo em que se convive, a partir dos exemplos que temos podemos desenvolver determinados hábitos, pois os hábitos geralmente se formam cedo, e na maioria das vezes por razões culturais. A leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer e nunca pode ser uma atividade obrigatória, cercada de ameaças, castigos ou ser encarada como uma imposição do mundo adulto. “Leitura é para quem gosta de ler.

Atualmente os alunos estão ficando cada vez mais distantes do ato de ler, e a falta de estímulo à leitura resulta em problemas e dificuldades enfrentados nas escolas públicas e privadas, como: dificuldades na interpretação e compreensão dos textos, erros ortográficos, pouca produção textual dos alunos e dificuldade na compreensão dos conteúdos escolares recebidos.

Partindo desse pressuposto, percebemos que as nossas instituições de ensino, com professores junto à equipe pedagógica, podem propiciar aos estudantes um momento em que possam encontrar uma solução para criar novas perspectivas e espaços bem agradáveis para a promoção da prática leitora, e dar mais atenção ao gosto pela leitura, ter prazer e amor pelo livro e a leitura, dar importância a se adquirir o hábito de ler.

Vemos que o mundo atualmente está ficando cada vez mais distante da atividade da leitura, os alunos devem perceber e ter noção de que a leitura é o instrumento-chave para atingir as competências imprescindíveis que podem transmitir subsídios informacionais tanto na educação continuada dos alunos e funcionários como para o desempenho da própria empresa, quer seja no mercado de trabalho, na pesquisa ou nas áreas sociais, culturais e políticas.

O hábito de leitura depende também de várias ligações no processo familiar e educacional; o aluno que não lê não adquire a capacidade de explorar a ideia principal de um texto, fazer análises e críticas. O aluno deve ter o domínio tanto oral como da parte escrita, tendo em vista obter sua autonomia e conhecimento na sociedade. O incentivo à leitura poderá levar os alunos a ampliar seus horizontes.

O interesse por esse estudo surgiu através da participação no fórum de discussão realizado em Nova Petrópolis/RS em 2011, que contou com uma das integrantes do grupo do Núcleo de Leitura e Biblioteconomia e Inclusão Social, cuja linha de pesquisa aborda alguns tópicos relacionados ao hábito de leitura, inclusive

dos estudantes do curso de Biblioteconomia na construção do conhecimento. Essa linha de pesquisa me chamou muito a atenção na elaboração do projeto intitulado “Hábito de Leitura dos Estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)” a partir de sua inserção em escolas públicas.

Na verdade, a atividade da leitura é uma prática indissociável do ofício pedagógico. Mais previsível ainda é contar com ela todo dia em casa, nas escolas e em sala de aula. Refiro-me não apenas à leitura vinculada ao conteúdo a ser desenvolvido, mas também à leitura através das contações de histórias.

Questiono-me: de que forma a escola pode alimentar o gosto pela leitura? O que pode ser feito, uma vez que o hábito de leitura, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), está associado a alguns fatores, tais como o de se ter nascido e criado numa família de leitores, ter passado por um sistema escolar que se preocupa muito como o hábito de leitura e ter acesso ao livro? Segundo Brito (2010, p.10-11), O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos livros e a realidade encontrada em seu meio social. A criatividade, a imaginação o raciocínio se sobrepõe diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades.

A capacidade de compreensão adquirida pela interpretação é fundamental. No Brasil, o número de analfabetos funcional é alarmante, trata-se daquelas pessoas que sabem ler e escrever, mas que não compreendem o que estão lendo.

A convivência com textos simples, variados, vai funcionar como estímulo ao hábito de leitura, sejam textos verbais assim como não verbais, com a utilização das mais diversas linguagens, como a leitura tátil dos cegos; a ótica da computação; a dos rituais, das danças, entre outras. Dessa forma, acredito que este trabalho será uma contribuição positiva para todos que se interessam pelo ensino e pelos benefícios da prática da leitura.

1.3 Objetivos

Os objetivos deste trabalho estão divididos em geral e específicos, conforme será apresentado na sequência.

1.3.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo geral conhecer os hábitos de leitura de estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul (FABICO/UFRGS), buscando traçar um perfil das suas preferências de leitura.

1.3.2 Objetivo Específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) verificar quais formatos de documentos os estudantes utilizam para leitura;
- b) conhecer se os estudantes realizam leituras no computador;
- c) identificar que quantidade de tempo os estudantes do curso de Biblioteconomia dedicam à leitura;
- d) identificar os tipos de leitura preferidos;
- e) analisar se os alunos têm o hábito de comprar livros;
- f) identificar os tipos de leitura realizados pelos alunos;
- g) verificar se os alunos frequentam bibliotecas e com que periodicidade.

1.4 Contexto do Estudo: Curso de Biblioteconomia da UFRGS

Para questionar a trajetória do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), temos de recorrer à sua história. Como este trabalho se limita ao curso de Biblioteconomia da UFRGS, vamos trazer a sua breve história nesta instituição.

Em 1947, foi introduzido o primeiro curso de Biblioteconomia da região Sul na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o seu reconhecimento foi em 4 de dezembro de 1950, pela Lei Federal nº 1.254. O curso de Biblioteconomia começou normalmente com os outros cursos e era ministrado na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Porto Alegre (UPA), como era denominada a instituição, sendo também considerado o sétimo colocado no País (FERREIRA *et al.*, 2012). Em 1966, surgiu a Escola de Biblioteconomia e Documentação, marcada por alterações e com reformas impostas.

Depois da aprovação do novo estatuto da UFRGS, provocado pelas tais alterações, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, denominada

FABICO, em 16 de março de 1970, vinculando a faculdade já existente ao curso de Jornalismo. Sendo assim, resolveram criar em 1998 o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) e também em 1999 e 2007 os cursos de graduação em Arquivologia e Museologia. Desde então respectivamente tanto o Departamento de Ciências da Informação quanto o Departamento de Comunicação e seus seis cursos de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas e um curso de pós-graduação dividem o mesmo prédio (FERREIRA *et al.*, 2012).

Ao longo de sua história a Biblioteconomia passou por mudanças significativas, até mesmo nos cursos de graduação e pós-graduação. É válido perceber que são poucos os documentos que tratam sobre a história da Biblioteconomia no Rio Grande do Sul, tanto como o seu surgimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS. Angela da Costa Franco Jobim foi considerada a primeira professora de Biblioteconomia na região Sul, por ter doutrinado todas as disciplinas técnicas no primeiro ano de funcionamento. O curso era ministrado em um ano com as seguintes matérias: Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e História do Livro e das Bibliotecas. Anos depois houve alterações tanto nas disciplinas quanto no ano de escolaridade. Dos que frequentaram o curso, um total de 20 concluíram e receberam certificados acompanhados de cerimônia solene. E estes também são considerados a primeira turma de bibliotecários formados no Rio Grande do Sul (SOARES, 2013).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo descreve as principais temáticas abordadas no trabalho, quais sejam: hábitos de leitura e hábitos de leitura de alunos de Biblioteconomia.

2.1 Hábito de Leitura

O hábito da leitura é uma prática que deve ser incentivada desde o ensino básico, pois esse é o momento em que os alunos estão na fase inicial de alfabetização, quando eles começam a aprender a ler e a escrever, e é preciso manter essa aprendizagem em desenvolvimento contínuo através de práticas de leituras a fim de o aluno saber tirar um pouco de proveito com a atividade da prática de leitura por meio de pesquisas e momentos de prazer. Para Macedo (2005, p. 44):

O aluno de ensino básico, qualquer que seja o contexto, precisa de maior amparo nos momentos de leitura, de pesquisa escolar e de lazer comprometido. Durante esses momentos, sem bibliotecas a aflição do estudante tende a intervir negativamente em seu desenvolvimento.

Levando em consideração problemas de desigualdades sociais e culturais na nossa sociedade, a educação, a cultura e a informação adquiridas principalmente através da leitura são essenciais, dependendo do tipo de suporte de leitura que a pessoa utiliza para o seu aprendizado, como livros, revistas, jornais e folhetos, mesmo através de avanços de novas tecnologias como *e-books*, que são considerados motores na construção da cidadania.

De acordo com Allende e Condermarín Grimberg (2005, p 18):

O hábito de leitura tende a formar pessoas abertas ao intercâmbio, orientadas para o futuro, capazes de dar valor ao planejamento e aceitar princípios técnicos e científicos. Este tipo de indivíduo é visto como o que permite maior desenvolvimento social. Apenas as pessoas situadas num mundo aberto são as que contribuem eficazmente para as iniciativas comunitárias de progresso e melhoria social.

Para Afonso (2008), a leitura é um dos principais objetivos do exercício pedagógico, o qual permite que o ser humano se conecte com várias informações e

conhecimentos. A leitura ainda nos permite compreender o mundo através da comunicação com os outros, na formação pessoal e profissional. É na escola que nós seres humanos entramos em contato com a leitura e a escrita. No entanto, é dever da escola priorizar tanto o ensino da leitura quanto o da escrita. Um dos principais requisitos da atividade pedagógica é estimular o hábito da leitura por meios escritos. Portanto, podemos dizer que a leitura é um problema para todos nós. Primeiramente a leitura sempre tem que começar pela família, passar pela escola, pela biblioteca e depois para a comunidade e a sociedade. A leitura é muito importante na escola, pois os educadores devem saber que é através desta que as crianças se introduzem no processo escolar e começam a desenvolver a sua capacidade e o gosto pela leitura. Desde o momento em que conseguimos desenvolver o nosso pensamento crítico e criativo perante a sociedade, pode-se dizer que a leitura é algo importante na vida de todos os cidadãos.

Diante disso, Pires (2012, p. 366) salienta que:

A leitura fornece subsídios à atualização e educação continuada, elementos esses fundamentais ao profissional de Biblioteconomia e de outras áreas do conhecimento. Em sua etimologia, o significado de leitura representa: “em grego, o pleno sentido de ler, como legeri é colher, recolher, juntar, que o latim transformou em lego, legis, legere, denominado juntar horizontalmente as coisas com o olhar.” [...].

Nesse sentido, pode-se afirmar que a leitura apresenta grande papel, uma vez que é considerada algo indispensável para um ser humano, sendo considerada excelente ferramenta de ensino na educação formal atual. Para dar conta de tudo, o professor e as escolas devem sugerir a leitura como uma das suas principais metas, criar um espaço onde os alunos vão debater em grupo a prática da leitura na escola. Cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura, mostrando para essas crianças vários livros, fazendo com que sejam capazes de ler um texto e mostrando como fazer leitura em diferentes formatos como, por exemplo, assistindo vídeos, ouvindo CDs e escrevendo (AFONSO, 2008).

Para Pires (2012), a leitura proporciona oportunidades para alcançar o conhecimento, independentemente da área de atuação profissional. Ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é alcançada através da leitura, que possibilita a ampliação e o aprofundamento do saber em

determinado campo cultural ou científico. Pois como afirma Antoniacomi *et al.* (2011, p. 12729):

A leitura abre “mundos e outros horizontes” a qualquer pessoa, podendo conquistar conteúdos, cultura, lazer e principalmente satisfação e prazer ao fazer uma boa leitura. Aliado a isto, a leitura amplia o raciocínio, a verbalização, a formalidade das palavras, dos textos escritos, dos diálogos formais e informais, enfim, auxilia numa infinidade de objetivos, que podem ser conquistados por meio da leitura.

A leitura está acompanhada da formação educacional da pessoa desde a sua infância, passando pelos aprendizados da vida e da educação, e o incentivo a essa prática muito importante para o ser humano deve começar também nessa fase, para quando ingressar no ensino superior, a universidade assumir sua posição enquanto instituição de ensino, tanto no que diz respeito a formar leitores críticos como em influenciar na transformação social por intermédio dos alunos sujeitos leitores; nesse caso, a leitura se configura como fundamental para a formação de indivíduos com uma visão de mundo mais abrangente e satisfatória. A universidade, por ser uma unidade de ensino bastante respeitada pelo alto nível de aprendizado ao discente, na maioria das vezes acaba estimulando um incentivo quando o estudante sente a necessidade de abraçar a prática por causa da bibliografia que o professor sugere para cada disciplina, e o estudante acaba abraçando essa causa para ficar atualizado com tudo que está sendo produzido na sua área de atuação profissional.

Nesse sentido, esses indivíduos mudam a sua maneira de pensar, analisar, questionar, produzir e conceber a realidade, tornando-se objetos ou sujeitos da leitura fundamentais para um desenvolvimento da humanidade quanto à questão científica e cultural (PIRES, 2012).

No século XXI, a instituição educativa sofreu mudanças nas leis brasileira, especialmente, em função da rapidez e agilidade com que acontecem descobertas a respeito de novas tecnologias, o que mudou a visão das relações humanas na sua maneira de ver o mundo. Apesar de a educação ter evoluído no século XX, não houve a quebra com as diretrizes originárias da instituição, que se mantém centralista, transmissora, selecionadora e individualista. Entretanto, o que funciona como mediadora dos processos educativos é a linguagem contemporânea. Enfim, de qualquer forma, todos os dias as pessoas entram em contato com textos, sejam

anúncios em jornais, revistas, bilhetes, avisos, cartas, quadrinhos, manuais, ou mesmo, obras literárias. Na sociedade moderna isso acontece em cada instante. No entanto, a leitura é considerada de uso social, desde o momento em que um texto serve para informar, instruir ou dar prazer. Diante disso, podemos ver que as crianças precisam de oportunidade de leitura de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que o incentivo à leitura preenche importante papel, isto é, conduzir as crianças ao mundo novo e desconhecido (AFONSO, 2008).

Para Pires (2012), ler um texto significa a capacidade de entender signos, e que quando aprende se exercita a vida toda pela leitura do mundo.

Para reforçar a ideia, Afonso (2008, p. 6) afirma que:

Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. Esse tipo de leitura ocorre mais comumente nos primeiros anos de escola, no trabalho de certos profissionais e em raras situações, para a maioria das pessoas. Em geral, não se lê em voz alta, fora da escola. E, quando algumas pessoas são solicitadas a ler, envergonham-se, fornecendo desculpas por não saberem ler direito. Isso porque a leitura oral, falada, geralmente é vista, como realização plena do dialeto padrão não seu nível mais formal, devido aos preconceitos linguísticos existentes na sociedade.

Os primeiros contatos das crianças com a leitura acontecem da seguinte maneira: os adultos leem histórias para elas, pois só ouvir as histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a falar e ouvir a leitura existe, porque a fala é produzida e a leitura é baseada em como um texto é escrito, próprias características diferentes da fala espontânea. Pois ambos são iguais foneticamente em relação ao processamento. A leitura oral, falada ou ouvida, processa de maneira idêntica à intuição auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em função auditiva a fala para a decodificação do texto, também necessita pôr em ação os mecanismos de decifração do texto, para que não haja leitura sem decifração da escrita (AFONSO, 2008). O problema da falta de hábito de leitura já começa nas séries iniciais do primeiro grau, quando os problemas fora da realidade do aluno não constituem nenhuma motivação para o seu estudo. O mercado está cheio de livros didáticos sem sustentação filosófica e teórica e, muitas vezes, estes ainda contam com a incompetência profissional do educador para orientar corretamente essa prática (FREIRE, 2006). A leitura está em todos os níveis educacionais. Deve ser iniciada no período da alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela

se constitui numa forma de interação das pessoas de qualquer gênero e áreas do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite que o homem se situe com os outros e possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e o alargamento de experiências. É também um recurso para combater a massificação executada principalmente pela televisão. Para Freire (2006), o livro é ainda um veículo com grande importância para a criação, transmissão e transformação da consciência como uma prática socialmente necessária; através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (autoeducar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo. Pode praticar o exercício dialético da libertação (FREIRE, 2006). O livro pode ser considerado como precioso recurso de ensino.

No entanto, não é tão popular como o giz, o quadro-negro, o lápis e o caderno. É grande o número de livros editados, com inúmeros títulos diferentes, que poderiam ser bem utilizados, concorrer para a melhoria da qualidade do ensino (FREIRE, 2006). “O hábito da leitura pode proporcionar grande conhecimento de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, mas somente se esse ato for realmente cultivado e prazeroso.” (BLANK, 2009, p. 43).

Segundo Bortolon (1998, p. 114), o estímulo sistemático à leitura deveria ser meta prioritária em países em via de desenvolvimento:

Constata-se no Brasil que o hábito de leitura não representa uma tradição e, por isso, a motivação através de técnicas específicas deve ser encarada como um campo de estudo e pesquisa de novas modalidades que visem à aproximação do livro com o leitor.

” (BORTOLON, 1998, p. 114). Para criar esse hábito de leitura, é preciso primeiro obter acesso ao mundo da leitura, seja por meio de livros, revistas, leituras virtuais, etc. O contato com esse mundo deve acontecer de forma prazerosa, sendo que o leitor possa aos poucos se encantar e acrescentar essa prática em sua vida.

Na questão brasileira sobre hábito de leitura, devemos recorrer ao fato de que os primeiros livros lidos no Brasil devem ter sido os breviários trazidos pelos Franciscanos em 1500. Depois vieram os Jesuítas, também com breviários, missais e rituais. Por solicitação de Nóbrega, vieram também obras de teologia moral e de direito para a solução de escrúpulos ou casos de consciência. A tradição da leitura no Brasil, não está amplamente definida na sociedade. Devido às condições de

desenvolvimento histórico-culturais do país, a leitura como atividade de lazer e atualização sempre se restringiu a uma minoria de pessoas que teve educação. Porém, a ineficiência das instituições escolares e a precariedade de condições socioeconômicas também contribuem para a crise da leitura. No Brasil, a escola talvez seja o único lugar onde a grande maioria das pessoas tem contato com o livro (BORTOLON, 1998).

O hábito de leitura representa uma ação positiva perante a vida, e segundo Kremer (1991), pode-se assumir que o hábito de leitura está relacionado ao contexto familiar do indivíduo. A família pode ser uma excelente estimuladora do hábito de leitura, e num ambiente familiar onde não existe uma tradição de leitura, a formação do hábito pode estar seriamente comprometida. Exigida para testar conhecimentos em exercícios escolares, estimula a memorização mecânica, em detrimento do questionamento, sem estimular o pensamento e a imaginação criadora, a prática que foi habituada é unidimensional, a de simples armazenamento de informação (KREMER, 1991).

2.2 Leitura e Cidadania

Para dar início ao conceito da palavra cidadania, precisamos saber primeiramente a origem dessa palavra. A palavra cidadania deriva da palavra cidadão. No sentido etimológico, a palavra cidadão deriva de *civitas*, que em latim significa cidade. É muito importante lembrar que a leitura é a base fundamental do processo de alfabetização e de conhecimento na formação da cidadania.

Cidadania é a condição de cidadão e “cidadão é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”. Quando falamos a palavra cidadania estamos interligando a ela a ideia de construção da consciência crítica, política e social do indivíduo, pois a cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (PERES; MACHADO, 2014, p. 392).

A cidadania é o campo dinâmico de construção das lutas sociais por direitos, nas quais os seres humanos são os atores e atrizes que agem politicamente para

permanecer com suas demandas na forma da consolidação do direito (CANÇADO, 2010; ROSA, 2005). Nesse sentido:

A leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e conseqüentemente na construção da cidadania, uma vez que através da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país (ROSA, 2005, p. 5).

A leitura e a cidadania estão ligadas. Um objetivo que divulga uma relação entre ação de governos e sua consequência na vida dos nacionais. Na era da colônia a leitura e a disseminação de conhecimento eram proibidas pelo governante. A intenção era de não construir cidadãos, e sim o direito de admitir somente elementos da aristocracia.

Nesse sentido é importante fazermos algumas definições acerca da palavra cidadania. A palavra cidadania deriva-se da palavra cidadão. No sentido etimológico a palavra cidadão deriva-se de civitas, que em latim significa cidade. Segundo Ximenes (2000, p.170), “cidadania é a condição de cidadão” e “cidadão é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”. Quando falamos a palavra cidadania estamos interligando a ela a idéia de construção da consciência crítica, política e social do indivíduo, pois:

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p. 14).

Sendo assim, a leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e conseqüentemente na construção da cidadania, uma vez que através da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país.

Formar o cidadão não significa ‘preparar o consumidor’. Significa capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade que as afetam, o que exige acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar

cegamente pelo poder econômico ou político. (TAKAHASHI, 2000, p. 45).

Para Cançado (2010), as ações leitoras devem ser feitas nos espaços educacionais, começando pelo ambiente familiar e indo ao ensino médio, para crianças, jovens, adultos e idosos. Pois com a característica marcante da sociedade contemporânea e o desenvolvimento científico e tecnológico, a leitura tem se tornado um elemento indispensável para a inserção social do indivíduo e para a formação da cidadania. É através da leitura que teremos acesso a informações e novos conhecimentos que nos ajudem a interagir de forma mais consciente na sociedade. Para Rosa (2005), a leitura é ação de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Diante disso, pode-se dizer que a leitura é um ato individual, voluntário e interior, que começa com a decodificação dos signos linguísticos que formam a linguagem escrita convencional.

O objetivo de se ensinar a ler e escrever deve estar centrado em propiciar ao estudante a aquisição da língua portuguesa, de maneira que ele possa exprimir-se corretamente, aconselhado pelo professor por meio de estímulos à leitura de variados textos, nos quais serão verificadas as diferentes variações lingüísticas, tornando um poliglota em sua língua, para que, ao dominar o maior número de variantes, ele possa ser capaz de interferir socialmente nas diversas situações a que for submetido.

A educação, sendo uma prática social, não pode restringir-se a ser puramente livresca, teórica, sem compromisso com a realidade local e com o mundo em que vivemos. Educar é também, um ato político. É preciso resgatar o verdadeiro sentido da educação. (FREIRE, 1989, 58-59).

Pois a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, é uma atividade de apropriação de conhecimentos, de reflexão, um processo de descoberta.

A importância e a “obrigação” do ato de ler são requisitos necessários para alunos e professores. Também é preciso levar em consideração as condições atualmente e a maneira como a leitura tem sido conduzida nas escolas. Os pais também precisam estar cientes da importância que a leitura representa na vida de seus filhos. Compete aos pais também a prática do incentivo, seja por meio da leitura em casa no dia a dia ou através de estímulos. (ROSSAFA, 2011, p. 1438).

A leitura não é somente uma atividade da escola. Pois a formação dos professores deveria incluir contato com os pais, com bibliotecas de bairro e de empresa, com associações, de maneira a estabelecer intercâmbio entre as ações de informação e formação. Pois ao contrário do que as pessoas pensam, a formação dos leitores não é tarefa específica dos professores de Língua Portuguesa, mas sim compromisso de todos os educadores que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada por princípios consistentes (ROSSAFA 2011). Podemos notar que há professores fazendo a diferença, despertando nos alunos o gosto pela leitura e mostrando a importância da leitura como fonte de informação e disseminação de cultura. Esses professores provaram que formar leitores reflete de forma concreta na construção da cidadania, que traz impactos políticos e sociais para o nosso país (ROSA, 2005, p. 9):

Formar o cidadão não significa “preparar o consumidor”. Significa capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os aspectos na vida em sociedade que as afetam, o que exige acesso à informação e ao conhecimento e capacidade de processá-los judiciosamente, sem se deixar levar cegamente pelo poder econômico ou político.

Com a universalização de acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs) surgiu um novo modelo global, no qual o acesso aos serviços informacionais tem se tornado cada vez mais uma condição necessária para a inserção social dos indivíduos como cidadãos:

A “educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado”, levando em conta que a leitura é um dos pilares da educação surge a necessidade de se reconhecer o papel da escola na formação do leitor, pois é através da leitura que o indivíduo terá acesso a uma enorme gama de informações e conhecimentos que possibilitará a ele interagir na sociedade de forma crítica, autônoma e consciente, exercendo plenamente seu papel de cidadão (ROSA, 2005, p. 45).

A educação é algo que precisa ser levada em discussão, ser observada com mais atenção (ROSSAFA, 2011).

2.3 A Leitura como Prática Pedagógica

O processo da escrita é um processo complexo, que envolve tanto o domínio quanto o sistema alfabético/ortográfico e a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas. A partir de tal compreensão, evidencia-se que alfabetização e letramento são fenômenos diferentes e complementares. Entende-se alfabetização como processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita e conquista de conceitos alfabéticos e ortográficos, que possibilitem ao aluno ler e escrever. Já o letramento se dá quando há a inserção e participação do aluno na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, etc.) e se prolonga por toda a vida. Sendo assim, entende-se que a ação pedagógica mais coerente é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento. Sabe-se que desde cedo as crianças tentam imitar a escrita dos adultos, pois ainda bebê elas já leem tudo à sua volta (leitura de mundo).

Na escola, realiza-se uma série de processos, tais como: gestos, trabalhos em artes e em exercícios no papel, que contribuem para o desenvolvimento dos primeiros passos para a escrita. Esses movimentos e exercícios são chamados escriptográficos, grafomotores ou também exercícios de coordenação motora ou controle motor. É através da leitura e da escrita que a criança terá a possibilidade de conhecer seu desempenho e compreender seu processo de aprendizagem e formação, pois quando passa a ter consciência desse processo, se desenvolve intelectual, social e afetivamente. Para Freire (1989), a aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma releitura do mundo, ou seja, deve-se partir do contexto social da criança para estar trabalhando no sentido de fazer com que aprendam não apenas a repetir palavras, mas a entender o significado e o valor de cada palavra e do que está sendo comunicado, em variados contextos. A leitura é o ato de interpretar tudo aquilo que nos é mostrado. Sendo assim, existem várias maneiras de se efetuar uma leitura, considerando que quando se observa uma determinada situação, na verdade se faz uma espécie de leitura.

Segundo Soares (2003), a leitura é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. É um processo de relacionar

símbolos escritos a unidades de som e é também um processo de construir uma interpretação de textos escritos. Desse modo, ler é dar sentido ao que está escrito, interpretar o que diz um texto, descobrir seu significado. É uma interação entre o pensamento ativo do leitor e o que diz o texto. Quando alguém sabe ler, mas não consegue compreender sequer textos curtos, essa pessoa pode ser alfabetizada, mas tem um nível de letramento muito baixo. Esse nível pode aumentar, à medida que o indivíduo aprende a lidar com diferentes materiais e conteúdos de leitura e de escrita e consegue perceber as intencionalidades ideológicas contidas em contextos de leitura e escrita. Dessa forma, aprender a ler e escrever é ir além do papel e da caneta, é compreender todo o processo de alfabetização, não no sentido de uma manipulação mecânica de palavras soltas, mas sim numa relação que busca interagir linguagem e realidade. A escrita é um sistema de representação da língua, cuja aprendizagem significa a apropriação de um novo objeto do conhecimento. Uma questão fundamental no processo de alfabetização é a compreensão da estrutura do sistema alfabético enquanto representação da língua, ou seja, não se trata de considerar a escrita alfabética como uma representação gráfica dos sons da língua. O mesmo se faz quando uma pessoa pede para outra ler algo. Esse indivíduo é analfabeto, não possui a decodificação dos signos, mas ele possui certo grau de letramento devido à sua experiência de vida em uma sociedade que é permeada pela escrita, logo, este é letrado (SOUZA *et al.*, 2004).

É função primordial da escola ensinar a ler. É função essencial da escola ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces. A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criem a possibilidade de o indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal. Ler é condição necessária para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho.

O problema do ensino da leitura na escola ocorre na própria conceptualização do que é a leitura, na forma como que é avaliada pelos professores, no papel que ocupa na Proposta Pedagógica da Escola e, naturalmente, nas práticas pedagógicas que são adotadas para ensiná-la. A proposta de implementação do Plano de

Trabalho na Escola (PTE) era a aplicação das práticas pedagógicas adequadas à Educação de Jovens e adultos, com o objetivo de estimular a leitura e formar leitores efetivamente. É importante destacar também que práticas pedagógicas de leitura requerem períodos longos para serem desenvolvidas, porque não dependem apenas do conhecimento de regras. Rauen (2003) considera o letramento sob dois enfoques: o autônomo e o ideológico, sendo que o primeiro se refere, basicamente, às habilidades individuais do sujeito, e o último às práticas sociais que envolvem leitura e escrita em geral.

2.4 Hábito de Leitura de Alunos de Biblioteconomia

É bem provável que o processo de formação do leitor possa ser propiciado pelos diversos momentos-lugares da vida humana em sociedade, pais, grupos de amigos, bibliotecas e nas escolas; entretanto, a formação acadêmica precisa e deve ter papel determinante na construção do profissional bibliotecário. Tal formação pressupõe, por um lado, a possibilidade de:

Mediação da leitura almejando que o maior número possível de indivíduos possa ter cada vez mais acesso à cultura científica entendida como compreensão da própria ciência, seus modos de produção e suas relações com a sociedade e a tecnologia e por outro, uma fundamentação teórica metodológica para a dinamização da leitura no ambiente de trabalho fonte. (TEIXEIRA JÚNIOR; SILVA, 2007, p. 3).

A observação das atividades de leitura dos futuros profissionais da informação propicia uma análise das necessidades no campo da leitura e, também, apontar algumas sugestões para a formação inicial de bibliotecários.

A leitura como um dos principais elementos do conhecimento deve ser abraçada, principalmente, nos cursos de Biblioteconomia na fase de graduação, tendo em vista o desenvolvimento do bibliotecário leitor, bem como a constituição de mediadores de leitura, construção de sentidos e práticas de leitura. A leitura é uma atividade prazerosa, que pode proporcionar ao indivíduo outra visão e nos ajuda a ser pessoas críticas e mais criativas. Mas não podemos esquecer também que existem vários fatores que influenciam para que a prática da leitura não aconteça, entre os quais a falta de paciência, dedicação e estímulo por parte dos pais nos

primeiros anos na escola e dos professores, pois acontece que muitas vezes eles próprios não se preocupam com o desenvolvimento desse hábito para os seus filhos. Visto que este é um processo que temos que adquirir, é uma prática que está mais ligada à escola. Depende muito do interesse da pessoa e também das práticas de leituras incentivadas. Assim, não é na escola onde deveríamos ter o primeiro contato com os livros; esse contato deveria ser iniciado em casa, juntamente com os pais, e depois ser levado a outros lugares além das escolas. A leitura é um hábito prazeroso e não pode ser uma obrigação. A leitura é um instrumento fundamental para aquelas pessoas que querem utilizá-la para aprofundar o seu aprendizado. Ela fornece riquíssimos conhecimentos. Pode formar de tal modo sua inteligência que a perspectiva das horas solitárias se apresenta menos tristes. Segundo Adler (1954, p. 7):

[...] ao estimular o interesse pelos livros, ao encorajar o hábito da leitura, ao contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada um em benefício de todos, o bibliotecário necessariamente tem que carregar consigo uma visão da sociedade, de homem e de educação.

Os livros são um instrumento que nós, profissionais da informação, deveríamos fazer com que entrassem na história das nossas vidas, pois, eles nos divertem, nos ensinam, nos fazem conhecer histórias dos nossos antepassados. Mas vimos que não é essa realidade que estamos a viver hoje em dia. Assim, como entender os alunos que muitas vezes não leem e nem sequer imprimem o material da leitura indicada pelo professor para melhor entendimento da aula? Como esses alunos irão trabalhar em bibliotecas e formar novos leitores? (VIEGAS; NASCIMENTO, 2015).

Considerando que a maioria deles vai trabalhar em unidades de informação, onde irão se deparar com a leitura todos os dias no trabalho, é muito importante verificar se realmente esses profissionais têm o hábito de ler e com que frequência isso acontece. Sendo preciso saber como acontece o interesse dos futuros profissionais bibliotecários pela leitura; mostrar a importância da leitura na vida acadêmica e para a formação profissional; avaliar os pontos que afetam a prática da leitura dos alunos. É bom saber o quanto é necessário para esses futuros profissionais bibliotecários a prática da leitura e o amor pelo livro, visto que durante o tempo em que profissionais lidam com a informação e diferentes públicos estes

devem estar preparados e bem atualizados para exercer o seu papel com eficiência no sentido de atender demandas.

O hábito de leitura é fundamental não apenas na vida dos futuros profissionais bibliotecários, mas em todos os níveis educacionais, principalmente para pessoas que querem se destacar na sociedade, mas de algum modo em outros ambientes, visto que através da leitura o indivíduo fica mais disposto para enfrentar o futuro, transpor de uma língua para outra os assuntos em qualquer lugar de forma segura, e ter retórica na sua fala sobre vários conhecimentos, por exemplo. Se pararmos para pensar nos dias atuais, as informações são colocadas no suporte de propaganda de maneira tão acelerada que a prática de leitura passa a ser indispensável no nosso cotidiano.

Claro que na atual era em que estamos a viver, todos nós temos a noção do quanto é necessário o hábito da leitura no nosso dia a dia, por que ainda o Brasil é considerado um país onde a leitura é muito precária. É verdade que o problema cultural interferiu bastante para o que está acontecendo nesse contexto que se apresenta. O país ficou muito tempo sob a dominação colonial portuguesa, ainda sofreu várias explorações, sem acesso às escolas, muito menos universidades na época. Desde a colonização até os dias de hoje, o Brasil evoluiu e mudou muito, cresceu em termos econômicos quase em todos os setores, mas a desigualdade social continua ainda muito forte no país.

Existem milhares de pessoas que não têm oportunidades de ingressar nas escolas, sem uma educação de qualidade. Como essas pessoas vão cultivar o hábito de leitura? As políticas públicas de aplicação de capitais na área da educação não são efetivas, e por esse motivo várias pessoas não conseguem agarrar a prática da leitura. Dessa forma, é fundamental que os pais, encarregados da educação, e os professores valorizem o poder que o livro tem na vida dos futuros profissionais bibliotecários como fundamental. “É através dele que o indivíduo poderá ampliar seus conhecimentos e desenvolver sua inteligência, transformando-se em um ser influente, capaz de ter uma visão larga e conhecer o lugar e o contexto em que está inserido.” (SILVA, 2011, p. 31).

É preciso incentivo e engajamento por parte de todos para fazer com que o hábito de leitura passe a ser mais valorizado. É dever dos pais mostrar bem cedo para as crianças que a leitura não tem nada a ver com a prática que deixa o indivíduo triste, mas sim fazer perceber que é um ato de muito prazer, que auxiliará

na evolução do conhecimento ao longo da vida. Toda essa questão faz com que esse hábito tão importante vá sendo abandonado, mesmo sabendo as vantagens do livro como um tesouro do conhecimento. Infelizmente, o hábito da leitura está enfraquecendo bastante cada vez mais no Brasil, segundo o que mostra a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que é realizada pela Fundação Pró-Livro e pelo Instituto Ibope Inteligência a cada quatro anos.

O amor pelos livros e o hábito de leitura não aparecem sem uma construção pessoal, e para isso é preciso começar a preparar desde cedo a criança, mostrando e apresentando livros para que possa crescer com esse hábito. Se os pais têm o interesse e a disponibilidade de contar histórias todos os dias para os seus filhos antes de irem para a cama, estes por sua vez vão se interessar e gostar cada vez mais dos livros. Depois cabe ao professor continuar cultivando esse hábito na escola. Não podemos esquecer que os professores devem contar com a ajuda dos pais e das bibliotecas com ambiente agradável, com acervo diversificado que atrai e motiva alunos.

Destacamos a importância que o hábito de leitura tem para nosso aprendizado como futuro profissional de informação, representando uma atividade primordial para nossa formação pessoal e profissional.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 1994, p. 4).

Cattani e Aguiar (1982) salientam que cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura, e seu papel é tão mais extenso quanto restrito for o da família, condicionada a problemas socioeconômicos. Uma vez que cabe à escola promover o hábito de leitura e desenvolver estratégias para o ensino eficaz da leitura, e que na prática tal fato não se verifica, está ocorrendo, segundo Filopouski (1982) a crescente perda de significado do ensino, e em especial, da capacidade de motivação e interesse pela leitura. Entretanto, há necessidades de escolas e das famílias de se conscientizarem de que somente o acesso aos livros e aos textos desenvolverá o hábito de leitura. A criança que não tem acesso ao livro por razões socioeconômicas e por falta do hábito de leitura em casa é certo que não terá o hábito de ler, pelo menos não de forma satisfatória. Segundo Silva (1981), o

desenvolvimento do hábito de leitura ficará somente nos planos das ideias utópicas das Secretarias de Educação e/ou das escolas.

A família deve ser a primeira a se responsabilizar pela preparação ou formação dos filhos como futuros leitores, pois os pais leitores são exemplos para seus filhos, que, provavelmente, irão seguir o mesmo caminho. Na verdade, somos apresentados à literatura no ambiente escolar, mas nem sempre somos incentivados para continuar com essa prática fora do ambiente. “A escola se torna fator fundamental na obtenção do hábito da leitura e na formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura.” (SOUZA *et al.*, 2004, p. 222). A leitura como atividade de crescimento para os futuros profissionais da informação pode acender nossa mente, deixando entrar mais ideias e, com isso, nos transformar em pessoas mais conscientes. Cada leitura oferece uma percepção, mesmo quando se trata de um assunto já lido. Para Hillesheim e Blattmann (1998) são os seguintes fatores que influenciam o aprendizado nos seus vários momentos da vida: as atividades que instigam o hábito da leitura, o conhecimento dos diferentes tipos de fontes informacionais (livros, revistas, dicionários, entre outras) e a utilização metódica para obtenção de material bibliográfico. A falta do exercício para o uso de táticas, como a concorrência que a leitura sofre atualmente com outras opções de lazer, deve ser desenvolvida através de um processo de ensino de aprendizagem empenhado com estratégias e formas de utilização em diferentes ocasiões de leitura. Moro, Souto e Estabel (2004) recomendam que a leitura seja um processo intrinsecamente ligado à escrita, fazendo parte do desenvolvimento humano.

2.5 História da Leitura no Brasil

No Brasil, a leitura estabelece uma grande área de conhecimento, que pode ser investigada em diferentes dimensões. Silva *et al.* (1996) trouxeram uma comparação entre Brasil e EUA baseada em números de estudos realizados sobre a leitura. Em 1975 e 1977 foram publicadas 1.588 pesquisas em uma revista especializada dos EUA, enquanto que no Brasil esse número não excedeu 50 trabalhos, sendo que a maior parte está voltada à alfabetização. Nem sempre se consegue construir um vínculo interdisciplinar entre professores de literatura e psicólogos, mas entende que a leitura é uma atividade muito extensa e complicada

que exige muita paciência por parte do leitor. Nos 3.200 documentos guardados antes de Cristo, pode-se notar a importância da escrita como fator que influenciou a revolução na comunicação humana. No discurso oral, o emissor e o receptor precisam ser concomitantes (simultâneos), a escrita admite o acesso a informações excedendo espaço e tempo.

Segundo Chartier (2001), a leitura oral representada pelos pintores concedeu lugar para leitura dos livros. Atualmente, estamos lidando com a leitura digital, que está ajudando também bastante os indivíduos no seu aprendizado. O fortalecimento da escola e a obrigação do ensino são dois fatores que contribuíram para o desenvolvimento da leitura. No Brasil, até 1808 não havia uma história da imprensa. Pelo Alvará de 20 de março de 1720, o custo do livro era mais alto porque dependia da importação ou da produção feita em pequena escala. Como o livro era caro, então tinha também pouca procura, e o escritor por sua vez ficava prejudicado.

Naquela época, a formação dos leitores só começou a ser projetada no século XIX. Nessa época, a sede da monarquia era o Rio de Janeiro. Com a instalação da imprensa e das escolas houve uma mudança, no que as pessoas procuravam ler mais. Isso abrangia a classe social da monarquia que passava a maior parte do seu tempo livre. No romantismo e nos folhetins, as mulheres liam. Elas eram mais aprimoradas e tinham o hábito de leitura. Para resolver o problema de mão de obra, era preciso definir o responsável pela educação formal, que passou pela educação feminina, que, por sua vez, isso porque eles olhavam a escola como sua segunda moradia.

No Brasil, é através do livro didático que se dá o processo de legitimação do que se deve ler e do que não se deve ler, de acordo com a época. Embora a escola seja um espaço elevado para o desenvolvimento da leitura, não significa que é tratada de maneira apropriada, seja porque se limita à oferta de textos aos alunos ou porque houve insatisfação no tratamento e compreensão da leitura. De acordo com o Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (SIHELE), os pesquisadores do Brasil e da França comprovaram que houve acréscimo das pesquisas em história da leitura e da alfabetização, conectadas no campo da história da educação baseada na história cultural e na linguística durante a década de 1990.

Ao mesmo tempo discute a força da composição de campos de pesquisa de diferentes histórias da leitura e da alfabetização, de seu cruzamento com a história da educação junto com o das disciplinas escolares. Esse tipo de avaliação de

produto pode ajudar na compreensão da situação nacional, na desesperada tentativa de inclusão de leitores no mundo letrado, como mostram as pesquisas desenvolvidas no campo da história da leitura. Através dessas pesquisas podemos encontrar caminhos para respostas e compreender “como” e “por que” as pessoas leem e contribuir para a formação dos leitores no Brasil. Pode-se considerar a pesquisa como de caráter integrado, por ser desenvolvida pelos pesquisadores de Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A história da leitura deve ser compreendida na possibilidade de se perceber suas práticas como o estudo dos métodos pelos quais se forma um sentido. No entanto, acaba com a ideia antiga de que beneficiava os textos e as obras de sentido intrínseco, absoluto, único, e se dirige às práticas que dão significado ao mundo por serem plurais e contraditórias.

As práticas discursivas se caracterizam em orais, escritas e sobre a leitura como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões, ajudando no reconhecimento das práticas culturais como diferentes formas de interpretação. Darnton (1989), tratando da história da leitura, conta que já temos conhecimentos suficientes sobre bases institucionais da leitura e que já temos as respostas “quem”, “o que”, “onde” e “quando” ela foi praticada. O que não se pode ficar quieto é em saber “como” e os “porquês” que se afastam de nós. Klinké (2010) fez cinco sugestões de Darnton historicizar a leitura para levar adiante essa pesquisa em busca de desvendar esse mistério: estudar descrições sobre a leitura com o objetivo de desvendar algumas noções básicas sobre o que a pessoa acha que ocorria ao ler.

2.6 O Papel da Leitura na Atualidade

Na sociedade contemporânea, a importância de crescimento do domínio da competência leitora está acima dos propósitos. Podemos perceber que a importância da leitura hoje em dia difere da realidade que já foi vivida pelas nossas antiguidades. A verdade é que a cada dia aumenta a procura pela leitura, da mesma forma que aumenta a procura pela informação na sociedade (SILVA, 2002).

Com a ajuda da tecnologia, tudo se torna mais fácil hoje, porque em vez de enviarmos uma carta, a tecnologia nos permite usar o telefone, assistir à mininovela

da televisão em vez de ler o romance original, gravar em vez de tomar notas, assistir à versão dublada do filme em vez da versão legendada, assistir ao jornal televisivo em vez de ler o jornal. Uma pessoa letrada pode escolher a modalidade que quiser, o que um sujeito apenas alfabetizado não consegue fazer. Esse tipo de opção pode ser considerada o primeiro passo para a formação do cidadão crítico. Além da televisão e do rádio, que conduzem informações e oferecem diversões, notamos também a presença da internet, que amplia e intercambia informações em grande velocidade. Vale a pena salientar a diferença que existe entre texto digital e texto impresso. *E-mails* são um exemplo perfeito: eles passam entre escrito e oral, parecem cartas e bilhetes e, por outro lado, têm a efemeridade do oral, além de, é claro, se usar o telefone como outra forma de enviar mensagens, o que era antes somente para mensagens orais.

De acordo com Chartier (2001), dois fatores básicos marcam a diferença entre o leitor do texto impresso e o do digital, ou seja, a forma de ler textos no computador é diferente da forma de ler textos em livros. O impresso faz uma referência ao contexto da leitura de artigo impresso no jornal, mostrando uma contextualização bem acentuada. O do digital se refere ao contato físico. A leitura digital é mediada pela tela, não há manuseio de páginas. A leitura não é linear; há imagens, ícones, diagramação, *links* etc., mas, sim, determina outro tipo de competência e de processamento da leitura. A leitura de textos impressos é de cima para baixo, da esquerda para direita e de uma página para outra. Já a leitura digital exige atenção redobrada na página: imagens, textos, colunas, ícones, *links*, cores e sons. Com esse tipo de leitura, podemos pular de uma página para outra através de um *link*, o que permite que cada leitor possa fazer uma leitura variada do mesmo texto.

De acordo com o contexto novo da sociedade atual, é essencial que o professor saiba que além de buscar despertar, desenvolver e fortalecer o hábito da leitura, também é necessário ensinar a ler de várias maneiras. O bom seria desenvolver a leitura de diferentes gêneros textuais, como, por exemplo, bulas, notícias de jornais, revistas, internet, códigos de leis, poemas, crônicas, contos, romances, curriculum vitae, e-mails, cartas formais, ofícios, histórias em quadrinhos e outros, para que o estudante possa conviver com a realidade que está à sua volta.

Charmeux (2000) e Alliende e Condemarín Grimberg (2005) comentaram sobre a relação entre a capacidade de compreensão leitora e a vitória ou fracasso

escolar. Esses autores mostram que bons leitores resolvem problemas com grande facilidade e conseguem fazer críticas perante a sua realidade. Dessa forma, podemos afirmar que a leitura:

- a) permite articular os conteúdos culturais de maneira mais profunda do que determinados recursos audiovisuais dos meios de comunicação de massa, uma vez que, na maioria das vezes, estes tendem a atingir um número maior de pessoas. Dessa forma, não se aprofundam em temas abordados tanto quanto uma obra especializada possivelmente o faria;
- b) possibilita a expansão da memória humana, por meio dos textos impressos que permitem o registro e a recuperação de informações, seja pela própria oralidade, etc. Somente por meio da oralidade não teríamos a mesma capacidade de reter informações como por meio da escrita;
- c) determina processos de pensamento, pois leitores que estabelecem relações com textos de opiniões científicas, entre outros, tendem a adotar posições menos radicais, pensamentos menos extremistas e são mais críticos diante da realidade que os cerca. A atividade de ler e de estudar através de elaboração de esquemas, resumos, anotações, etc., segundo o autor, propiciam melhor entendimento e fixação do conteúdo, determinando a conexão entre a leitura e a escrita.

De acordo com o que já foi destacado anteriormente sobre a importância da leitura, foi observada uma pendência da realização de pesquisa nessa área, concentrada na leitura como atividades que intercalam o processo educativo. O fato parece incoerente se consideramos que durante a escolaridade o aluno está exposto ao meio letrado com apostilas, livros didáticos e paradidáticos, leituras sugeridas e leituras obrigatórias ao se considerar as seguintes questões: existe, em muitas escolas, a ideia de que somente os alfabetizadores e os professores da área de linguagem têm a responsabilidade sobre a orientação da leitura; constata-se na deficiência da formação do professor que, em seu currículo, raramente teve um curso de Psicologia/Metodologia da Leitura.

O fato é que o acesso ao livro nem sempre é garantido, seja pela falta de bibliotecas, seja porque os pais não têm condições de adquiri-los. O livro, na maioria das vezes, é pouco acessível a grande parte da população. Não é surpreendente ver um adolescente dizer que não gosta de ler, principalmente quando se trata de

clássicos da leitura, como, por exemplo, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, etc.

2.7 Histórico da Biblioteconomia no Brasil: Primeiros Cursos

Antes de começar um breve histórico sobre o curso de Biblioteconomia no contexto brasileiro, apresentamos os seus aspectos educacionais. A trajetória do curso teve seu nascimento com a invenção das primeiras bibliotecas de domínio religiosas: beneditinos, franciscanos e jesuítas. Com a chegada dos jesuítas ao país, começaram a pedir livros para ajudar no seu aprendizado e nos ensinamentos do latim, uma vez comprovada sua inexistência no país. Breviários, bíblias, livros litúrgicos, obras teológicas e textos didáticos constituíram os acervos das primeiras bibliotecas no Brasil.

Com a criação dessas bibliotecas, aumentou a necessidade dos indivíduos com procedimentos de organização para se responsabilizarem por cuidar desses acervos; assim, os europeus e jesuítas foram os primeiros a atuar com a profissão bibliotecária no Brasil. No século XVII, mais religiosos chegaram da França e da Espanha e começaram a construir suas bibliotecas. Muitas pessoas começaram a desembarcar e continuaram a criar ainda mais bibliotecas escolares, particulares, públicas e nacionais (FONSECA, 1979). Na verdade, para lembrar o passado, no Brasil existiam dois polos que promoviam o ensino e a profissão bibliotecária. O primeiro foi no Rio de Janeiro, através da Biblioteca Nacional, sob influência do modelo francês; o segundo, foi em São Paulo, com o desencadeamento de muitas fases, primeiramente por meio do Mackenzie College, com direção do pragmatismo americano.

2.7.1 Rio de Janeiro: o início

A Fundação Biblioteca Nacional contribuiu bastante tanto no contexto social quanto no profissional. A Biblioteca Nacional foi fundada na cidade do Rio de Janeiro, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 1808. Depois que Portugal tinha sofrido grande influência política da França, D. João VI, regente, junto à sua corte (nobres, padres, militares e funcionários da corte), chegou ao Brasil

como refugiado, “[...] transportando nos porões dos barcos as matérias de uso para seu bem-estar social, cultural e artístico.” (CASTRO, 2000, p.45-46).

Em 1810, no ano da fundação, a Biblioteca contava com acervo de sessenta mil itens, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, e funcionava no Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo. Tal espaço era pouco para armazenar e proteger esses materiais, que foram, em seguida, transferidos para o velho cemitério da mesma Ordem, por indicação do Príncipe Regente, D. João VI; e foi aberto ao público em geral somente em 1814.

Segundo Castro (2000,), as primeiras bibliotecas brasileiras e a Biblioteca Nacional, em suas primeiras décadas, foram dirigidas por religiosos, que chegaram com a Família Real. Apenas após 48 anos de tal realidade o beneditino Frei Camilo de Monserrate, um dos primeiros diretores da Biblioteca, conseguiu mudá-la para outro prédio, em 1858. Seu substituto, Ramiz Galvão, também foi um dos percursores, sendo o primeiro a ver a questão de reformar a Biblioteca Nacional. Também através de sua disposição ocorreram os primeiros concursos públicos para bibliotecários, que no período eram chamados de “oficiais da biblioteca”. Os concursos que foram aplicados na época consistiam de provas escritas de História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Classificação de Manuscritos e traduções do latim, do francês e do inglês. Esses concursos eram preparados e organizados por Ramiz Galvão, que com tais condições solicitadas para a realização das provas, mostra sua ansiedade em estabelecer a essência de cultura humanística, além das capacidades para procedimentos entre os candidatos. O segundo a reformar o ambiente foi Manoel Cícero, que modificou completamente a Biblioteca e implementou o Serviço de Bibliografia e Documentação. Através dessa reforma surgiu o primeiro curso de Biblioteconomia do país (FONSECA, 1979).

O curso de Biblioteconomia estava previsto pela reforma de 1911, mas apenas foi iniciado em 1915, apadrinhado pela Biblioteca Nacional. De acordo com Castro (2000), o curso não pôde ter o seu funcionamento em 1912 porque muitas das pessoas que se matricularam eram em sua grande parte os próprios trabalhadores da Biblioteca. Ainda em 1914, não ocorreu o funcionamento do curso por não haver candidatos suficientes para a realização das inscrições. Quanto aos funcionários que já tinham desistido do curso, o autor informa que o procedimento foi aplicado certamente devido ao menos tempo que eles tinham de disposição para

atuar naquela atividade, uma vez que a Biblioteca Nacional havia passado por uma transformação na sua norma, tendo sido dividida em partes, e por essa razão seus empregados se encontravam ainda em fase de adaptação, o que causou com que vários deles desistissem da inscrição no curso (CASTRO, 2000).

A criação do currículo foi influenciada pela École Nationale de Chartes 1, com conteúdo programático pedagógico dirigido para a funcionalidade da Biblioteca Nacional, quer dizer, de guarda e conservação da memória, sendo composto pelas seguintes disciplinas: Bibliografia, Paleografia, Diplomática, Iconografia e Numismática.

Primeira escola no mundo para formação de pessoal para exercer atividades em bibliotecas. Com isso, vale aqui ressaltar que:

[...] predominava o modelo humanista francês da École de Chartes, que a Biblioteca Nacional adotara durante três décadas. Modelo que vinha sendo criticado, na França, desde o início do século XX, pelos *bibliotecários progressistas*, que reivindicavam mudanças nas estruturas das bibliotecas, a fim de que as mesmas atendessem às políticas públicas de leitura (Chartier, A. e Hebrard, 1995, p. 156). Mudança que os *bibliotecários conservadores* franceses não aceitavam, alegando que o atendimento à leitura era atividade própria das escolas e que o papel da biblioteca era preservar. Esta discussão trava-se, também, entre os bibliotecários brasileiros nos anos 20 e 30. Uns defendiam a biblioteca guardiã, e outros, a de livre acesso e democrática. (CASTRO, 2000, p. 199-200).

Dessa forma, entendemos que com exceção da formação dos bibliotecários, nessa época, passa a ser voltada para a guarda e preservação da memória, existiam aqueles bibliotecários que protegiam a ideia de uma biblioteca aberta ao público e de acesso a qualquer tipo de informação, verdade que Castro (2000) refere ter criado debate entre os bibliotecários da época. A partir dos anos 30, o Brasil começou a despertar alguns interesses pelos Estados Unidos, pelo sistema de organização norte-americano, que era conhecido pelo tecnicismo. Em 1946, a Biblioteca Nacional sofreu pela terceira vez uma reforma. Dessa vez foi feita por Rubens Borba de Moraes e marcada pela grande adoção do modelo norte-americano. Vale a pena lembrar a dominação do sistema decimal de Melvil Dewey, que surgiu na American Library Association, e os catálogos-dicionários, que nessa época foram adotados pela Biblioteca Nacional, além de várias bibliotecas brasileiras. Havia muitas bibliotecas antigas em decadência no Brasil mostrando,

assim, a necessidade de profissionais talentosos em técnicas para cuidar daqueles acervos tão importantes e valiosos.

2.7.2 São Paulo: novas perspectivas

O ensino de Biblioteconomia em São Paulo começou no Mackenzie College e cogita o desencadeamento de muitos tópicos. O Mackenzie College foi criado em 1870 e implantado pela primeira vez no Brasil, sob o modelo pedagógico americano, revolucionando, assim, o ensino paulista. A biblioteca do Mackenzie foi criada e inaugurada em 1926, apesar de que a mesma não estava muito bem estruturada, não atendia a necessidade dos seus públicos e necessitava de uma nova forma de administração, que pudesse melhorá-la de acordo com o ensino do Mackenzie e os princípios norte-americanos (CASTRO, 2000).

De acordo com Castro (2000), por não haver profissionais formados na área de Biblioteconomia no país no período, o Mackenzie College estava precisando contratar um bibliotecário norte-americano para organizar a biblioteca da escola, além de aplicar e ministrar um curso complementar de Biblioteconomia para os trabalhadores da mesma instituição, professores e bibliotecários de outros estabelecimentos do Estado. O curso complementar de Biblioteconomia cedido pelo Mackenzie College terminou suas atividades com a criação do curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1936, criado por Rubens Borba de Moraes. E, diferentemente do currículo do primeiro curso, este se caracterizou pela influência norte-americana, com maior destaque em trabalhos internos relacionados a catalogação, classificação e referência. Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes, os dois derivados de outras áreas (Odontologia e Letras), foram uns dos primeiros brasileiros que estudaram no curso de Biblioteconomia nos Estados Unidos, trazendo assim a influência norte-americana para os cursos de Biblioteconomia no Brasil. A década de 40 foi caracterizada pela expansão do campo de ensino da Biblioteconomia no Brasil, com a passagem do curso de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo para a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e a reforma do curso da Biblioteca Nacional.

De acordo com Castro (2000), tanto a ELSP quanto a Biblioteca Nacional começaram a dar bolsas de estudo para os candidatos selecionados de outros

estados. Ao voltarem para seus Estados depois da conclusão do curso, esses ex-bolsistas fundavam outras escolas, aumentando os cursos de Biblioteconomia no Brasil. Nos anos 60, o Conselho Federal de Educação funda o currículo mínimo com a duração dos cursos de Biblioteconomia. Preparando a profissão (FONSECA, 1979). Para melhor compreensão da trajetória de ensino da Biblioteconomia no Brasil, apresentaremos o quadro abaixo, que fala da história da Biblioteconomia brasileira em suas cinco fases:

Quadro 1 – Marcos Históricos da Biblioteconomia no Brasil

Fases	Marcos Históricos
1ª: 1879-1928	Início da Constituição do Campo do Ensino da Biblioteconomia sob influência francesa — Biblioteca Nacional
2ª: 1929-1939	Predomínio do modelo americano sob a influência dos primeiros cursos criados em São Paulo — Mackenzie College e Cursos de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo
3ª: 1940-1961	Consolidação do modelo americano e expansão do número de Escolas/Cursos
4ª: 1962-1969	Estabelecimento do primeiro Currículo Mínimo e Regulamentação da Profissão — Lei nº 4.084/62
5ª: 1970-1995	Paralisação da criação dos Cursos de Graduação e crescimento dos Cursos de Pós-graduação

Fonte: Castro (2000, p. 29).

Esse histórico demonstra as fases marcadas e consideradas por Castro (2000), como uma das principais para a área da Biblioteconomia no Brasil, e que registram mudanças e influências que já tinham recebido, o que originou ampliação dos cursos em todas as universidades do país, com ato de regulamentar a profissão e crescimento dos cursos de pós-graduação na área de Biblioteconomia. Apesar disso, da mesma forma que nas décadas atrás, o atual período, o que para nós é o mais recente, daqui a alguns anos vai se tornar um acontecimento bem interessante que vai servir de instrumentos de pesquisas para os futuros profissionais bibliotecários. E, com tais assuntos, elaboramos uma tabela, no qual se indica as

listas dos cursos de Biblioteconomia existentes hoje em dia em todo o País (Quadro 2):

Quadro 2 – Cursos de Biblioteconomia no Brasil

Nome dos Cursos	Instituição	Cidade/UF	Ano de Criação	Oferece Pós-graduação
Biblioteconomia	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila — FATEA	Lorena/SP	1975	
Biblioteconomia	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — UNESP	Marília/SP	1977	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN	Natal/RN	1997	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS	Porto Alegre/RS	1947	✓
Biblioteconomia	Faculdades Integradas Coração de Jesus — FAINC	Santo André/SP	1976	
Biblioteconomia	Universidade Federal da Paraíba — UFPB	João Pessoa/PB	1969	✓
Biblioteconomia	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC	Florianópolis/SC	2001	
Biblioteconomia	Universidade de São Paulo — USP	São Paulo/SP	1966	✓
Biblioteconomia	Centro Universitário de Formiga — UNIFOR-MG	Formiga/MG	1968	
	Universidade			

Biblioteconomia	Federal de Goiás — UFG	Goiânia/GO	1980	
Biblioteconomia	Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC	Florianópolis/SC	1974	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal do Maranhão — UFMA	São Luís/MA	1969	
Biblioteconomia	Universidade de Brasília — UnB	Brasília/DF	1966	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal de Alagoas — UFAL	Maceió/AL	1999	
Biblioteconomia	Fundação Universidade Federal do Rio Grande — FURG	Rio Grande/RS	1975	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará — UFC	Fortaleza/CE	1965	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG	Belo Horizonte/MG	1950	✓
Biblioteconomia	Universidade Santa Úrsula — USU	Rio de Janeiro/RJ	1957	
Biblioteconomia	Universidade Estadual de Londrina — UEL	Londrina/PR	1977	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal de Mato Grosso — UFMT	Rondonópolis/MT	1999	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Amazonas — UFAM	Manaus/AM	1966	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro — UNIRIO	Rio de Janeiro/RJ	1911	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal do Espírito Santo — UFES	Vitória/ES	1975	
Biblioteconomia	Universidade Federal de		1950	

	Pernambuco — UFPE	Recife/PE		✓
Biblioteconomia	Instituto de Ensino Superior da Funlec — IESF	Campo Grande/RS	2001	
Biblioteconomia	Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira — CESAT	Serra/ES	2009	
Biblioteconomia	Universidade Estadual do Piauí — UESPI	Teresina/PI	2003	
Biblioteconomia	Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior — IMAPESES	Sorocaba/SP	2005	
Biblioteconomia	Faculdade de Ciências da Informação de Caratinga — FCIC	Caratinga/MG	2007	
Biblioteconomia	Centro Universitário Assunção — UniFAI	São Paulo/SP	2005	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará — UFC	Juazeiro do Norte/CE	2006	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Pará — UFPA	Belém/PA	1963	
Biblioteconomia	Pontifícia Universidade Católica de Campinas — PUC Campinas	Campinas/SP	1945	✓
Biblioteconomia	Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação — FaBCI	São Paulo/SP	1948	
Biblioteconomia	Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR	São Carlos/SP	1994	
Biblioteconomia	Universidade Federal Fluminense — UFF	Niterói/RJ	1963	✓
Biblioteconomia	Universidade do Caxias do Sul	Caxias do Sul/UCS	2012	✓

Biblioteconomia	Universidade Federal da Bahia — UFBA	Salvador/BA	1942	✓
Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ	Rio de Janeiro/RJ	2005	
Biblioteconomia	Universidade Federal de Sergipe	São Cristóvão/SE	2009	

Fonte: Adaptado de Lima e Lima Castro (2000, p. 29).

Depois de efetuado o quadro indicado acima, observa-se que houve uma grande evolução na área da Biblioteconomia no Brasil no que refere ao ensino, de acordo com os cursos de graduação e pós-graduação. Ultimamente, no total corresponde a 27 estados brasileiros, apenas seis não têm escolas de Biblioteconomia. A maior predominância dessa área se encontra nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste, que proporcionam cursos de Biblioteconomia em todos os seus estados. Em relação à região Norte, que está entre sete estados, somente dois possuem cursos de Biblioteconomia. Já no caso da região Centro-Oeste, apenas um estado não oferece o curso de Biblioteconomia.

3 METODOLOGIA

Este capítulo descreve os métodos adotados, técnicas e instrumentos empregados na realização deste estudo.

3.1 Classificação da Pesquisa

A pesquisa, classificando-a segundo os seus objetivos, é do tipo descritiva, de abordagem quantitativa. Foram utilizados métodos estatísticos para coletar, organizar e apresentar os dados, de forma a descrever a opinião dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS em relação a seus hábitos de leitura.

Para Richardson (2009), o método quantitativo é frequentemente utilizado nos estudos descritivos, aqueles em que se propõe descobrir as características de um fenômeno, possibilitando a análise, interpretação e uma margem de segurança quanto às inferências, que é o caso do presente estudo.

3.2 Sujeitos de Estudo

Os sujeitos de estudo são os alunos de graduação do curso de Biblioteconomia da UFRGS, matriculados à época do levantamento dos dados, no primeiro semestre de 2015.

Segundo dados do sistema de graduação da UFRGS, estavam matriculados 410 alunos no curso de Biblioteconomia, constituindo essa a população em estudo. Dessa população de alunos, 172 responderam ao instrumento de pesquisa, configurando assim a amostra da pesquisa.

Para se estimar as estatísticas amostrais para toda a população dos alunos do curso, foi utilizada a expressão da margem de erro para proporções com população finita, resultando em uma margem de erro de 4,8%, para um nível de confiança de 90%. Portanto, há 90% de probabilidade de que os resultados percentuais apresentados a partir da amostra retratem a realidade populacional, já se levando em conta a margem de erro para mais e para menos.

3.3 Instrumento de Pesquisa para Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita através dos questionários (APÊNDICE A), com 11 perguntas fechadas com apenas uma resposta possível, outras 11 também fechadas com possibilidades de marcar mais de uma resposta e três abertas, em que o respondente faz uso de suas palavras. As 22 fechadas são consideradas de múltipla escolha, o que as difere é que em algumas só é possível atribuir uma resposta, ou seja, as opções são mutuamente excludentes, e outras admitem quantas assinalações o respondente quiser. Segundo Silva e Menezes (2001, p. 33),

É uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, o questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento.

Segundo Cervo e Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] se refere a um método de alcançar respostas às questões por uma fórmula que o próprio informador preenche.”. Ele pode envolver perguntas abertas e/ou fechadas. As abertas permitem respostas mais ricas e diversas, e as fechadas permitem maior facilidade na tabulação e análise dos dados.

Da mesma forma, Marconi e Lakatos (1996, p. 88) definem o questionário estruturado como uma “[...] série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador.”. Dentre as vantagens do questionário, destacam-se as seguintes: ele permite alcançar maior número de pessoas; é mais econômico; a padronização das questões possibilita uma interpretação mais uniforme dos respondentes, o que facilita a compilação e comparação das respostas escolhidas, além de assegurar o anonimato ao interrogado.

O questionário foi elaborado pelo próprio autor, que realizou a pesquisa utilizando a ferramenta *online* Google Docs, ferramenta simples e fácil de usar, e que tem como função compartilhar material *online* muito rápido.

3.4 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta de dados decorreu em dois momentos. Primeiro foi elaborado um instrumento de pesquisa, um questionário, que pudesse atender aos objetivos e

oferecer resposta ao problema de pesquisa. Após a sua elaboração, foi aplicado um pré-teste com alguns alunos do curso, para identificação de possíveis problemas de interpretação, sendo feitos alguns ajustes nas perguntas e em relação às opções de respostas oferecidas. No segundo momento, o da coleta de dados, foi aplicado o questionário oficial que aconteceu entre 08/04/2015 e 12/05/2015, enviado através de *e-mails* de alunos com a colaboração de alguns professores do curso de Biblioteconomia. Como o questionário foi elaborado através da ferramenta *online*, o seu método facilitou o tratamento dos dados alcançados numa planilha do Google Docs, na mesma medida em que o questionário era respondido.

3.5 Tratamento de Dados

Os dados coletados via Google Docs foram tabulados por meio da função tabela dinâmica do Excel 2010, para agrupamento das respostas atribuídas em distribuições de frequências. A representação gráfica também foi feita com uso das funções do Excel.

Dessa forma, o *software* Excel foi utilizado para agrupar as repostas e gerar as estatísticas descritivas.

O emprego da estatística descritiva permite descrever e resumir os dados. Para Gil (2008), o uso de métodos estatísticos torna possível determinar em termos numéricos a probabilidade de acerto de determinada conclusão, com razoável grau de precisão, representando boa probabilidade de ser verdadeira.

Os dados foram apresentados na forma de gráficos e tabelas, e a interpretação dos resultados deve remeter novamente à literatura.

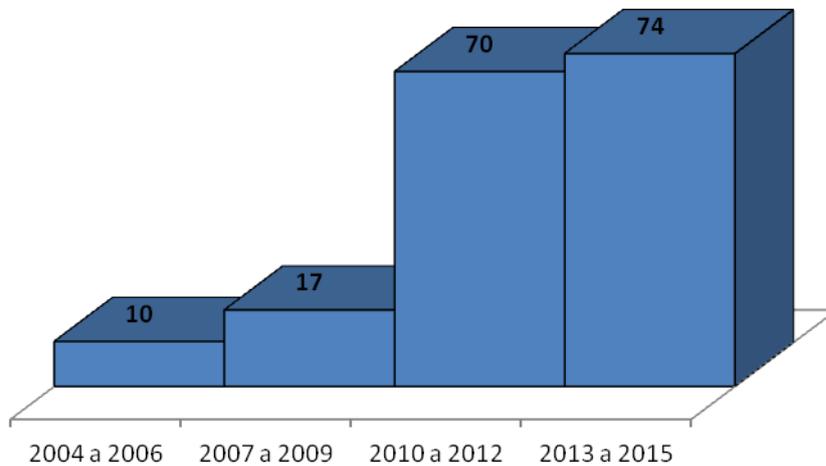
3.6 Limitações de Estudo

A primeira limitação foi a dificuldade de acesso aos alunos do curso, já que não foi possível enviar o instrumento de pesquisa a todos os alunos matriculados. Receberam o questionário por *e-mail* alunos de apenas três professores da FABICO, que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

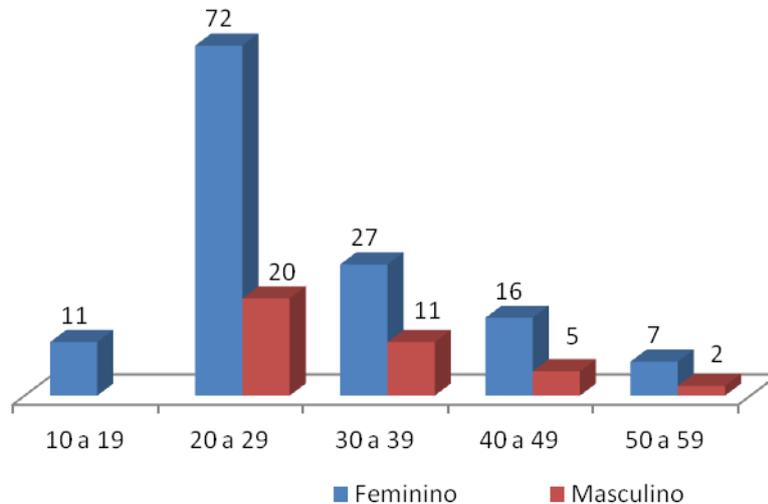
Os primeiros resultados dizem respeito à identificação dos alunos respondentes. O que se observa, pelo que mostra a Gráfico 1, é que a grande maioria é dos que ingressaram a partir de 2010: 40,9% entre 2010 e 2012 (70 alunos) e 43,3% ingressaram a partir de 2013, isto é, há uma boa representatividade dos respondentes em relação ao período em que entraram no curso.

Gráfico 1 – Semestre de Ingresso dos Alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS



Fonte: Dados da Pesquisa.

Outra característica do perfil dos respondentes é a que está representada na Gráfico 2, que relaciona sexo segundo idade. O sexo feminino é predominante em todas as faixas etárias, com maior proporção entre os que têm de 20 a 29 anos: dos 92 que estão no intervalo, 78,3% pertencem ao sexo feminino.

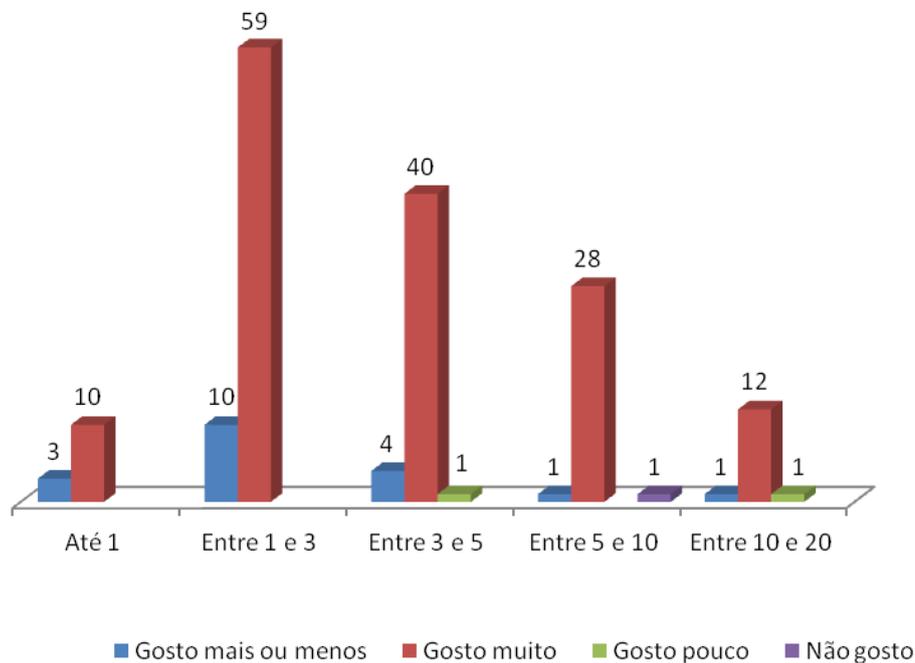
Gráfico 2 – Idade (anos) segundo Sexo dos Alunos do Curso de Biblioteconomia da UFRGS

Fonte: Dados da Pesquisa.

Um dos objetivos do trabalho é observar a associação entre renda familiar e gosto pela leitura (Gráfico 3). Inicialmente, cabe destacar os baixos níveis de renda familiar dos alunos, pois a larga predominância dos que têm renda familiar entre um e três salários-mínimos correspondente a 69 alunos, isto é, 40,4%. Sobre relacionar renda e gosto pela leitura, as colunas em vermelho, dos que gostam muito de ler, em termos relativos, aumentam à medida que aumenta a renda familiar. Quando a renda vai até um salário-mínimo, 76% gostam muito, e à medida que aumentam os valores de renda, as proporções passam para 85%, 91%, 97% e 86%, respectivamente, para os intervalos de um a três, três a cinco, cinco a dez e dez a vinte salários-mínimos.

Um relatório do Kids Count, projeto da Fundação Annie E. Casey, revela as disparidades na capacidade de leitura com base na renda familiar. O estudo, conduzido no estado de Kentucky, Estados Unidos, comprovou que 77% das crianças da quarta série de famílias de baixa renda não leem com frequência, contra 49% dos alunos provenientes de famílias mais ricas. No estado, a média de alunos da quarta série com dificuldades de leitura é de 64%. Nesses casos, significa que as famílias com poucos recursos não vão ter condições de garantir a frequência escolar total dos seus filhos, nem vão conseguir ou saber orientar como complementar a aprendizagem em casa (INSTITUTO DAS APÓSTOLAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2016).

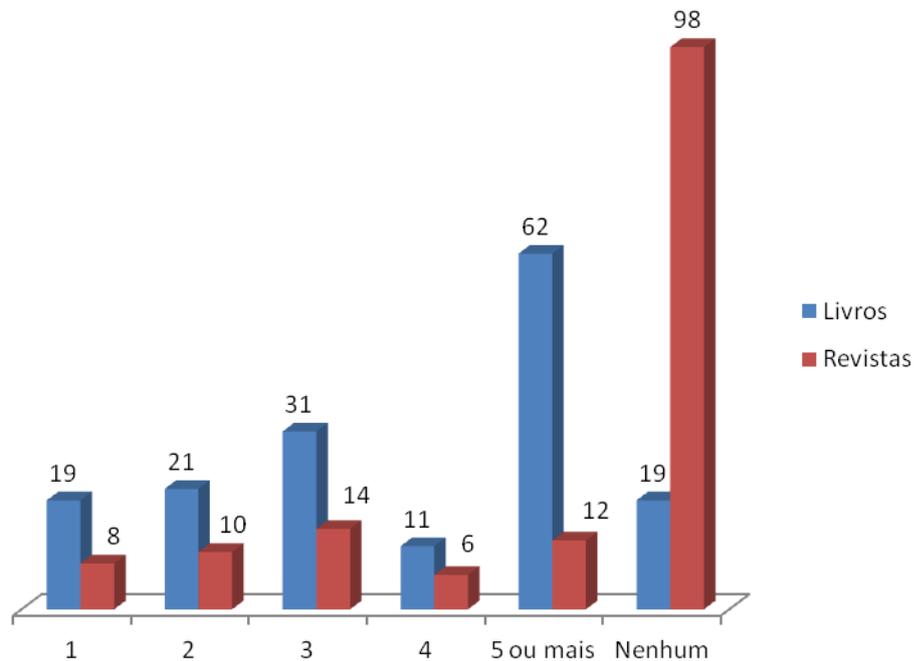
Gráfico 3 – O quanto os Alunos do Curso de Biblioteconomia Gostam de Ler, segundo a renda familiar (em salários-mínimos)



Fonte: Dados da Pesquisa.

Para apurar o quanto os alunos do curso compraram livros e revistas, a Gráfico 4 ilustra as respostas atribuídas para a questão. Nota-se que o consumo de revistas não acompanha o dos livros nos últimos cinco meses. 66,2% não leram nenhuma revista, correspondendo a 98 em termos absolutos, enquanto apenas 11,7% (19 alunos) não adquiriram nenhum livro. Quanto maior a quantidade de livros, maior a quantidade de alunos, a ponto de que quase 40% (62 alunos) compraram cinco livros ou mais nos últimos cinco meses (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Quantidade de Livros e Revistas que os Alunos do Curso de Biblioteconomia Compraram nos Últimos Cinco Meses

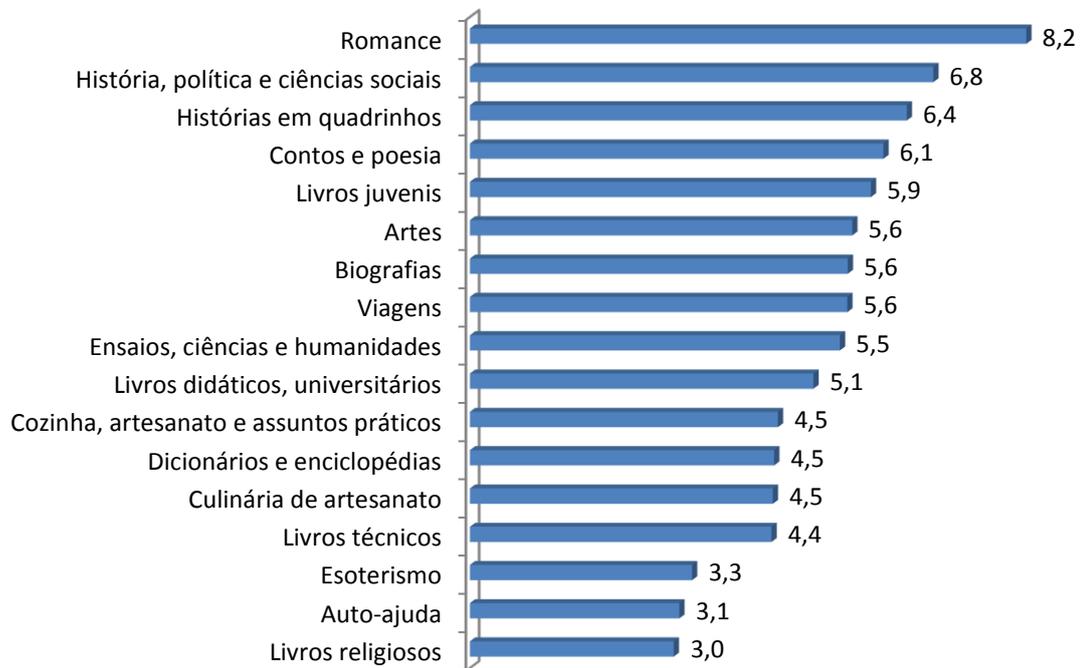


Fonte: Dados da Pesquisa.

Para identificar as preferências dos alunos segundo os gêneros literários, foram oferecidas para cada gênero as opções “gosto muito”, “gosto mais ou menos”, “gosto pouco” e “não gosto”. A atribuição dos pontos da Gráfico 5 utilizou os seguintes pesos para as opções anteriores: 3, 2, 1 e zero, respectivamente. Finalmente, após ponderar a pontuação levando-se em conta os pesos, estes foram divididos pela pontuação máxima possível, caso em que todos marcariam “gosto muito”, e os resultados representados na escala de 0 a 10.

Ao priorizar os gêneros, destaca-se o Romance, com nota 8,2, seguido de Histórias em Quadrinhos, Contos e Poesia e assim sucessivamente, até os gêneros menos preferidos, que são Esoterismo, Autoajuda e Livros Religiosos, todos esses três com pontuação abaixo de 4.

Gráfico 5 – Preferências dos Alunos de Biblioteconomia em relação a Gêneros Literários (em notas de 0 a 10)



Fonte: Dados da Pesquisa.

As tabelas a seguir representam as respostas para perguntas em que era possível assinalar mais de uma resposta. Por isso, na Tabela 1, por exemplo, o total de absolutos é de 476, e não de 171 como nos primeiros gráficos. Os dados mais importantes, portanto, são os relativos (%), que facilitam a informação e permitem a indução das estatísticas amostrais para toda a população.

Pelos dados da Tabela 1, não há uma forma de aquisição de materiais de leitura que se destaque muito, pois compra, empréstimo de bibliotecas e baixados pela internet detêm proporções muito parecidas, todas entre 20% e 30%, embora a opção “compra” seja um pouco superior. Vale destacar a baixa incidência dos que não compram, de 0,2%, apesar de a figura das rendas familiares evidenciar baixa renda dos estudantes do curso de Biblioteconomia.

Tabela 1 – Formas de Aquisição de Materiais de Leitura dos Alunos de Biblioteconomia

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Compra	132	27,7
Empréstimo de bibliotecas	107	22,5
Baixados pela internet	103	21,6
Presentes	66	13,9
Empréstimos de pessoas físicas	60	12,6
Distribuídos pelo governo ou escolas	7	1,5
Não compro	1	0,2
Total	476	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Fica claro, segundo a Tabela 2, que os alunos leem porque gostam, sentem prazer, porque adquirem conhecimento ou por entretenimento e lazer. Entre esses três motivos situam-se quase 80% dos alunos, ao passo que por exigência escolar ou do trabalho, pouco mais de 20% dos alunos disseram serem esses os motivos da leitura.

Tabela 2 – Fatores de Motivação à Leitura dos Alunos de Biblioteconomia

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Prazer	149	20,8
Gosto pela leitura	149	20,8
Cultura e conhecimento	134	18,7
Entretenimento e lazer	119	16,6
Exigência escolar	101	14,1
Necessidade de trabalho	46	6,4
Para presentear	15	2,1
Vício	1	0,1
Exigência nível superior.	1	0,1
Também para os <i>blogs</i> de resenhas	1	0,1
Total	716	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Do total de respostas para a pergunta sobre o tipo de biblioteca que frequentam (Tabela 3), os alunos em sua grande maioria optaram por universitária, devido à facilidade de acesso na UFRGS. É o que se pode observar a partir dos dados da Tabela 3.

Tabela 3 – Tipo de Biblioteca Frequentada pelos Alunos do Curso de Biblioteconomia

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Universitária	144	47,7
Virtual	54	17,9
Pública	43	14,2
Especializadas	20	6,6
Escolar	18	6,0
Não frequento biblioteca(s)	15	5,0
De empresas	5	1,7
Do bairro onde mora	3	1,0
Total	302	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Além da preferência por livros (18,5%), os alunos do curso leem bastante *blogs* (18,3%), *sites* de notícias (16,9%) e artigos científicos (21,1%). Esse último tipo foi o mais citado na preferência de material digital de leitura, como se pode observar pelos dados da Tabela 4.

Tabela 4 – Tipo de Leitura em Meio Digital dos Alunos do Curso de Biblioteconomia

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Artigos científicos	116	21,1
Livros	102	18,5
<i>Blogs</i>	101	18,3
<i>Sites</i> de notícias	93	16,9
Jornais	72	13,1
Outros	34	6,2
Revistas de entretenimento	33	6,0
Total	551	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Segundo a Tabela 5, destacadamente as livrarias são os locais de preferência dos alunos para a compra de livros, quase metade das respostas nesse sentido. Outro meio lembrado são os sebos, locais de livros usados, com a participação de mais de 28% das respostas.

Tabela 5 – Local onde os Alunos do curso de Biblioteconomia costumam Comprar Livros

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Livrarias	133	44,9
Sebos (usados)	84	28,4
Internet	21	7,1
Não costumo comprar	14	4,7
Supermercados	13	4,4
Feiras de livros	11	3,7
Congressos	9	3,0
Seminários e similares	5	1,7
Em instituições de ensino	3	1,0
Bancas de jornais e revistas	1	0,3
Em casa ou no trabalho	1	0,3
Porta a porta	1	0,3
Total	296	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os cerca de 40% que responderam na Tabela 1 que compram ou tomam livros por empréstimo, como forma de aquisição, reforçam a maior proporção dos que leem em casa (Tabela 6). Também no transporte há uma boa incidência de respostas, com 18,5% das assinalações, seguidos de quatro locais que se assemelham numericamente nas preferências: bibliotecas, sala de aula, no trabalho e na casa de amigos ou parentes. Ou seja, os alunos do curso leem em vários locais, não priorizando um ou outro em demasia.

Tabela 6 – Local onde os Alunos do Curso de Biblioteconomia costumam Ler

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Em casa	166	28,4
No transporte	108	18,5
No trabalho	69	11,8
Na casa de amigos ou parentes	69	11,8
Na sala de aula	63	10,8
Em bibliotecas	62	10,6
Em salas de espera	42	7,2
Em parques e praças	5	0,9
Total	584	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

A opção mais citada como motivo de compra (Tabela 7), “Preço mais barato”, com 19,2% das respostas, vai ao encontro de dados anteriores que demonstram a baixa renda familiar dos alunos do curso e a preferência da compra como forma de aquisição de livros, dados expressos respectivamente na Gráfico 3 e na Tabela 1.

Tabela 7 – Motivos pelos quais os Alunos do Curso de Biblioteconomia escolhem onde Comprar Materiais de Leitura

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Preço mais barato	139	19,2
Comodidade	86	11,9
Variedade	85	11,7
Garantia	73	10,1
Confiança	73	10,1
Proximidade	53	7,3
Qualidade no atendimento	53	7,3
Ambiente agradável	49	6,8
Costume	37	5,1
Casualidade	22	3,0
Especialização	22	3,0
Ter eventos culturais	15	2,1
Ter venda de outros produtos	11	1,5
Não compro	5	0,7
Outros	1	0,1
Total	724	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Em relação aos fatores determinantes da escolha da leitura, a pergunta ofereceu a possibilidade de assinalar mais de uma resposta, por isso o total de assinalações foi de 571, conforme consta na Tabela 8. Para as opções oferecidas, o maior destaque foi de 27,5% para o tema como fator que mais influencia os alunos do curso de Biblioteconomia quando da escolha do material a ser lido.

Tabela 8 – Fatores que Influenciam a Escolha pelo Material de Leitura

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Tema	157	27,5
Indicações de outras pessoas	112	19,6
Autor	109	19,1
Críticas/resenhas	84	14,7
Título	61	10,7
Publicidade/anúncio	25	4,4
Editora	22	3,9
Outros	1	0,2
Total	571	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Vale destacar que os dados constantes nas tabelas resultam de totalizações para perguntas em que o respondente em geral assinala mais de uma opção, sem que ele estabeleça distinções de importância entre as respostas atribuídas. Assim, é considerado mais importante o que é mais frequente, como a ênfase em fonte de

conhecimento para a vida quando para a questão relativa ao significado da leitura para os alunos do curso (Tabela 9).

Tabela 9 – O que a Leitura Significa para os Alunos do Curso de Biblioteconomia

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Fonte de conhecimento para a vida	157	22,1
Uma atividade prazerosa	133	18,7
Fonte de conhecimento para os estudos	113	15,9
Fonte de conhecimento e atualização profissional	97	13,6
Um passatempo	94	13,2
Uma atividade interessante	79	11,1
Uma atividade que exige dedicação	32	4,5
Uma atividade desgastante	2	0,3
Cansativa	2	0,3
Uma atividade que melhora a vida.	1	0,1
Prazer em ler	1	0,1
Total	711	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

Associando-se os dados da Tabela 10, sobre as dificuldades que encontram para ler com os principais indicadores anteriores, conclui-se que a falta de tempo é o maior empecilho que encontram, mesmo que tenham o costume de comprar livros em boa quantidade e valorizar a prática da leitura, tanto para adquirir conhecimento como para lazer.

Tabela 10 – Dificuldades que os Alunos do Curso Encontram para Ler

Espécie	Absolutos	Relativos (%)
Falta de tempo para leitura	115	38,3
Falta de concentração	69	23,0
Leitura lenta	31	10,3
Problemas de visão ou outras limitações físicas	28	9,3
Falta de recursos financeiros para acessar materiais de leitura	27	9,0
Não tenho dificuldades	23	7,7
Outros	7	2,3
Total	300	100

Fonte: Dados de Pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou pensar sobre hábitos de leitura dos estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e seus resultados poderão orientar estratégias de incentivo à leitura entre os universitários. Para questionar os vários caminhos que o educador e o educando percorrem no período de formação inicial, este momento é decisivo para a aquisição do hábito de leitura, ainda bem, um momento de entender que a qualquer momento o aluno pela prática de atividade leitora interpreta o mundo ao seu redor, quer seja através de símbolos, imagens ou textos, uma vez que fazemos parte de uma sociedade fundamentada pela cultura escrita e leitura.

Assim, seja no âmbito escolar, no ambiente familiar, nas bibliotecas ou em qualquer lugar onde o indivíduo pode adquirir conhecimento, através do incentivo por parte de outra pessoa o aluno é capaz de entender o valor que tem o uso dessa prática, assim como também da escrita, que são importantes e significativos na vida social de uma pessoa.

Essa pesquisa propõe estimular os alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS para o gosto pela leitura e o amor pelo livro. Contudo, é muito importante salientar que o sistema da construção do hábito de leitura é um procedimento prolongado, por isso é preciso construir nos alunos o gosto e o hábito de leitura desde as séries iniciais do ensino fundamental.

Na revisão bibliográfica foram abordados alguns assuntos sobre a leitura. Para o resultado deste trabalho, a abordagem metodológica empregada foi do tipo descritiva, de abordagem quantitativa. Através disso, a coleta de dados foi mais essencial, tendo sido feita à medida que a análise foi realizada, com fidelidade e atenção, diminuindo a possibilidade de erros.

Antes da aplicação do questionário, não se esperava tanta participação e contribuição dos estudantes, sujeitos desta pesquisa. Com a realização da análise aconteceu o que já era esperado: nos questionários aplicados, algumas das perguntas não foram respondidas e algumas que foram respondidas não apresentaram a relação com o que foi perguntado. A partir da análise foi concluído que o perfil dos que responderam foi, na maioria, do sexo feminino, de 23 a 24 anos e com atividade remunerada. A frequência, o tempo e os suportes que os estudantes do curso de Biblioteconomia utilizam com leitura e uso do suporte preferido para

leitura são similares, mais isso às vezes varia devido ao tipo de leitura que pode ser feita. O formato digital é mais utilizado para aquele tipo de leitura por ser mais rápido e mais imediato. Já na utilização do impresso, este é mais voltado para a leitura de passatempos e para estudos em geral. Quando se fala ou pensa em suporte digital, é verdade que isso é entendido como celulares e *tablets*, por serem aparelhos sofisticados e fáceis de transportar. O computador ainda aparece como o suporte digital mais utilizado. Isso acontece por ser um dos suportes que pode ser encontrado com mais facilidade em ambientes escolares, em casa ou no trabalho. Já no caso de *tablets*, como estes ainda não são comuns entre os estudantes e não são acessíveis a todos os alunos devido ao seu alto preço, a maioria não está familiarizada e não sabe como utilizar os recursos que estes têm para poder ter acesso à leitura de maneira possível e prática. Também existe uma grande concentração e bastante atenção no momento da realização das práticas de leitura no suporte impresso, devido a problemas que ocorrem no momento da leitura no computador ou em outro tipo de suporte.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Mortimer Jerome. **A arte de ler: como adquirir uma educação liberal**. Rio de Janeiro: Agir, 1954.
- AFONSO, Priscila Benitez. Desenvolvendo o hábito da leitura nos anos iniciais da educação formal. **Revista do SELL**, Uberaba, v. 1, n.1, p. 1-12, 2008.
- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN GRIMBERG, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ANTONIACOMI, Kayane Celise et al. A importância da leitura nos anos iniciais. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSE, 1., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- BARTHES, Roland; COMPAGON, Antoine. Leitura. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 11, p.184-206.
- BLANK, Cíntia Kath. Práticas de leitura dos adolescentes das escolas de ensino médio da cidade do Rio Grande. **Biblos**, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2009.
- BORTOLON, Assunta Maria. Levantamento das características culturais no hábito de leitura da comunidade acadêmica do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 113-123, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. (Conhecimento de Mundo, v. 2).
- CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CATTANI, Maria Isabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1ª grau: a propostas dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, Cristina M. Madeira. Formação docente e sentidos da docência: o sujeito que ensina, aprende. In: MARTINEZ, Albertina Mitjans; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (Org.). **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012. p. 111-129.

DALLARI, Dalmo. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.

DANIELA, G. M. Eres Fernández; KANASHIRO, S. Kawamoto. **Leitura: da antiguidade ao século xxi. O que mudou?** Goiás: ano 21, XIII n. 11, p. 1-10 dez. 2011.

DARNTON, Robert. **História da Leitura**. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1989. p. 199-236.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini et al. O novo projeto pedagógico e as alterações curriculares do curso de Biblioteconomia da UFRGS em 2011. In: ENCUENTRO DE DIRECTORES, 9., 2012, Montevideo; ENCUENTRO DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGIA Y CIENCIA DE LA INFORMACION DEL MERCOSUR, 8., 2012, Montevideo. **Anais...** Montevideo: EUBCA, 2012.

FILOPOUSKI, Ana Maria Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILLESHEIM, Araci I. A.; BLATTMANN, Úrsula. Atividades de incentivo à leitura em bibliotecas escolares: relato de um projeto. In: JORNADA NORTE/NORDESTE DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1998, Recife; SEMINÁRIO NORTE/NORDESTE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., 1998, Recife. **Anais...** Recife: [s.n.], 1998.

INSTITUTO DAS APÓSTOLAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *Renda familiar podem afetar capacidade de leitura*. São Paulo: Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, 2016. Disponível em: <<http://www.apostolas.org.br/2012/noticia.php?id=2162>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KLINKE, Karina (Coord.). **História da leitura no Brasil**: constituição do campo e formação de leitores. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2010. Projeto de Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Leitura, Escrita e Literatura: história, políticas e ensino.

KREMER, Jeannette Marguerite. Leituras dos alunos do curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 20, n. 1, p. 67-99, jan/jun.1991.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MORO, Eliane L. da Silva; SOUTO, Gabriela Pinheiro; ESTABEL, Lizandra Brasil. A influência da Internet nos hábitos de leitura do adolescente. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: GEBE, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

PERES, Rosana; MACHADO, Fabiana Antunes. Relato de experiência sobre o projeto cidadania: a leitura no Projeto Agrinho. In: JORNADA DE DIDÁTICAS DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA, 3., 2014, Londrina; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 2., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. p. 390-400.

PIRES, Erik André de Nazaré. A importância do hábito da leitura na universidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 365-381, jul./dez. 2012.

RAUEN, Adriana Regina Feltrin. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura**. Curitiba: Desenvolvimento Educacional do Estado, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2009.

ROSA, Caciací Santos de Santa. **Leitura**: uma porta aberta na formação do cidadão. Salvador: ICI/UFBA, 2005.

ROSSAFA, Ana Paula Barbosa. **Reflexões sobre a leitura: da importância ao incentivo**. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná, 2011.

SANTOS, Danielle Brito de. **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO**. Guarujá: Faculdade Don Domênico, 2010. 35 p.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA – SIHELE, 1., 2010, 2010. São Paulo: FFC; UNESP, 2010.

SILVA, Célia Esteves da. **O processo de compreensão na leitura em língua estrangeira**: relato de uma experiência com alunos do 2º grau. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/ USP, 2002.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Musztak. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, José Aroldo da. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve: Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras – UNIFAP**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 22- 35, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SOARES, Débora Dornsbach. **Tendências temáticas e metodológicas das monografias (TCCs) do curso de Biblioteconomia da UFRGS**: primeiro semestre de 2002/segundo semestre de 2003. 2004. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de et al. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. Presidente Prudente: UNESP, [2004]. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo3/leituraprofessor.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

TAKAHASHI, Tadao. (org). **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEIXEIRA JÚNIOR, José Gonçalves; SILVA, Rejane Maria Ghisolf da. Perfil de leitores em um curso de licenciatura em química. **Química Nova**, São Paulo, v. 30, n. 5, p. 1365-1368, set./out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422007000500052>. Acesso em: 18 ago. 2016.

VIEGAS, Ana Izabel Trindade Guimarães; NASCIMENTO, Genoveva Batista. O hábito da leitura na visão dos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 58-71, 2015.

XIMENES, Sergio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ediouro, 2000.

APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO

Hábitos de leitura dos alunos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Este questionário é o instrumento de coleta de dados do TCC de Quirino Salvador Sanca, do curso de Biblioteconomia da UFRGS. Sua colaboração é muito importante.

1. Qual o ano/semestre que você ingressou no curso? *

2. Sexo *

- Feminino
- Masculino

3. Idade *

Responda em número de anos

4. Sua renda familiar pode se enquadrar em qual dos intervalos a seguir? *

- Até 1 salário-mínimo
- Entre 1 e 3 salários-mínimos
- Entre 3 e 5 salários-mínimos
- Entre 5 e 10 salários-mínimos
- Entre 10 e 20 salários-mínimos
- Acima de 20 salários-mínimos

5. Você gosta de ler? *

- Gosto muito
- Gosto mais ou menos
- Gosto pouco
- Não gosto

Os que gostam de ler

6. Com que frequência aproximada você lê?

- Diariamente
- Na maioria dos dias da semana
- Em alguns dias da semana
- Semanalmente
- Ocasionalmente

- Outro:

7. Que tipo de leitura você faz em meio digital (computador, *tablets*, telefones, etc.)?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção

- Livros
- Artigos científicos
- Blogs*
- Sites* de notícias
- Jornais
- Revistas de entretenimento
- Outros

8. Com que frequência aproximada você utiliza computador, *tablets* ou telefones para leitura?

- Diariamente, duas horas ou mais por dia
- Diariamente, menos de duas horas por dia
- Na maioria dos dias da semana
- Em alguns dias da semana
- Ocasionalmente
- Nunca

9. Você costuma comprar livros e revistas?

	Sim	Não
Livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Revistas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Nos últimos cinco meses, quantos livros e revistas você comprou?

	5 ou mais	4	3	2	1	Nenhum
Livros	<input type="radio"/>					
Revistas	<input type="radio"/>					

11. Onde você mais costuma comprar livros?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção

- Livrarias
- Bancas de jornais e revistas
- Internet
- Sebos (usados)
- Feiras de livros
- Supermercados

- Em casa ou no trabalho, porta a porta
- Congressos, seminários e similares
- Em instituições de ensino
- Não costumo comprar

12. Onde você mais costuma comprar revistas?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção

- Livrarias
- Bancas de jornais e revistas
- Internet
- Sebos (usados)
- Feiras de livros
- Supermercados
- Em casa ou no trabalho, porta a porta
- Congressos, seminários e similares
- Em instituições de ensino
- Não costumo comprar

13. Você frequenta alguma biblioteca?

- Sim
- Não

14. Que tipo de biblioteca você frequenta?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Virtual
- Escolar
- Pública
- Universitária
- Do bairro onde mora
- Da casa do estudante
- Não frequento biblioteca(s)
- De empresas
- Especializadas

15. Quais as suas principais formas de aquisição de materiais de leitura?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Compra
- Empréstimo de bibliotecas
- Empréstimos de pessoas físicas

- Presentes
- Distribuídos pelo governo ou escolas
- Baixados pela internet
- Outro:

16. Quais as suas motivações para a leitura?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Prazer, gosto pela leitura
- Cultura conhecimento
- Entretenimento e lazer
- Exigência escolar
- Necessidade de trabalho
- Para presentear
- Outro:

17. Em quais lugares você costuma ler?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Na sala de aula
- Em bibliotecas
- No trabalho
- Em casa
- No transporte (ônibus, metrô, táxi, avião, etc.)
- Na casa de amigos ou parentes
- Em salas de espera (consultório, salão de beleza, etc.)
- Em parques e praças
- Outro:

18. Avalie os gêneros de leitura em relação a quanto você gosta de ler

	Gosto muito	Gosto mais ou menos	Gosto pouco	Não gosto
Contos e poesia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
História, política e ciências sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Autoajuda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Romance	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livros técnicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Gosto muito	Gosto mais ou menos	Gosto pouco	Não gosto
Histórias em quadrinhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contos e poesia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livros juvenis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livros religiosos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cozinha, artesanato e assuntos práticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Biografias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ensaios, ciências e humanidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livros didáticos, universitários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esoterismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Culinária e artesanato	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dicionários e enciclopédias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Artes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Viagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Quais os motivos pelos quais você escolhe onde comprar material de leitura?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Preço mais barato
- Comodidade
- Variedade
- Proximidade
- Garantia, confiança
- Costume
- Ambiente agradável
- Especialização
- Qualidade no atendimento
- Casualidade
- Ter venda de outros produtos

- Ter eventos culturais
- Outro:

20. Quais são os fatores que mais lhe influenciam na escolha pela leitura?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Tema
- Título
- Indicações de outras pessoas
- Autor
- Capa
- Críticas/resenhas
- Publicidade/anúncio
- Editora
- Outro:

21. O que a leitura significa para você?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Fonte de conhecimento para a vida
- Fonte de conhecimento para os estudos
- Uma atividade interessante
- Uma atividade prazerosa
- Um passatempo
- Fonte de conhecimento e atualização profissional
- Uma atividade desgastante, cansativa.
- Uma atividade que exige dedicação
- Outro:

22. Quais as principais dificuldades que você encontra para ler?

Nesta pergunta você pode marcar mais de uma resposta

- Leitura lenta
- Problemas de visão ou outras limitações físicas
- Falta de concentração
- Falta de tempo para leitura
- Falta de recursos financeiros para acessar materiais de leitura
- Não tenho dificuldades
- Outro:

23. Espaço destinado a críticas e sugestões

Os que não gostam de ler

6. A que você atribui a sua falta de gosto pela leitura?

7. Espaço destinado a críticas/sugestões